

# A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • DEZEMBRO DE 1990



# A LIAHONA

DEZEMBRO DE 1990



## DESTAQUES

**1**  
**SAUDAÇÃO DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA**

**3**  
MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:  
**JESUS CRISTO: NOSSO SALVADOR E REDENTOR**  
PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

**10**  
**LEMBRANÇAS DE NATAL**  
PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON,  
ÉLDER L. TOM PERRY,  
ÉLDER M. RUSSELL BALLARD,  
ÉLDER JAMES M. PARAMORE,  
ARDETH G. KAPP

**19**  
**TU ÉS MEU IRMÃO**  
JORGE VALBUENA

**20**  
**VEM E VÊ**  
ÉLDER MARVIN J. ASHTON

**32**  
**SANTOS DE CINGAPURA**  
RICHARD TICE

**40**  
**O BOSQUE SAGRADO**  
DONALD L. ENDERS

**46**  
**A ESTRELA INESPERADA**  
MARGARETA SPENCER

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

**17**  
**URSINHOS SALVADORES**  
LORETTA PARK

**26**  
**SINAIS DE ESPERANÇA**  
ANITA M. FEE

**28**  
**UMA VOZ NA NEBLINA**  
TERRY J. MOYER

**45**  
**MANTER AS RESOLUÇÕES DE ANO NOVO**

## DEPARTAMENTOS

**9**  
MENSAGEM MORMON  
**PERMITI QUE O MESTRE SEJA VOSSO PROFESSOR**

**25**  
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:  
**LEMBRAR-SE DELE PELO ESTUDO DAS ESCRITURAS**

CAPA:  
DETALHE DE "CRISTO E O JOVEM RICO", DE HEINRICH HOFMAN

## SEÇÃO INFANTIL

**2**  
HISTÓRIAS DO LIVRO DE MORMON:  
**OS JAREITAS ABANDONAM BABEL**

**4**  
**UM PRESENTE DE NATAL PARA JESUS**  
DOLLY HILDRETH

**7**  
CANÇÃO:  
**DORME, JESUS**

**8**  
TEMPO DE COMPARTILHAR:  
**VINDE A CRISTO**

**10**  
MENSAGEM DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA PARA AS CRIANÇAS  
**DONS DO CORAÇÃO**

**12**  
**LOUVAR O PROFETA**  
PAT GRAHAM

**14**  
**NA MANJEDOURA**  
ELISE NIVEN BLACK

**16**  
**A ESTRELA DE ZACARIAS**  
KATHLEEN M. HAYS

Dezembro de 1990, Vol. 43, nº 12  
90992 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

**A Primeira Presidência:**

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

**Quorum dos Dozes:**

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

**Consultores:**

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

**International Magazines:**

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente:

Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Supervisão de Arte:

M. M. Kawasaki

Diretor de Arte:

Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen,

Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp

Controlador:

Diana W. Van Staveren

Gerente de Circulação:

Joyce Hansen

**A Liahona:**

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais:

Flavia G. Erbolato

Assinaturas:

Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 830,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 70,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

# Saudação de Natal da Primeira Presidência

**R**egoziamos-nos convosco em mais outro maravilhoso Natal quando junto com toda cristandade, celebramos o nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Adiantando-se vários séculos, o Profeta Isaías disse: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conse-lheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz" (Isaías 9:6).

Após o ministério do Salvador, disse Pedro: "Nós mesmos vimos a sua majestade" (II Pedro 1:16).

Há um século e meio, testemunhas modernas declararam: "Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai" (D&C 76:23).

Testificamos que foi Jesus Cristo quem disse: "Se vierdes a mim, tereis vida eterna. Eis que meu braço misericordioso se estende até vós; e a todos os que vierem, eu os receberei; e benditos são os que vêm a mim" (3 Néfi 9:14).

Nesta gloriosa época do ano, convidamos novamente todos a renovarem o compromisso de dedicar a vida ao Salvador ressurreto e aos preceitos por ele ensinados.

Presidente Ezra Taft Benson  
Presidente Gordon B. Hinckley  
Presidente Thomas S. Monson



# Jesus Cristo: Nosso Salvador e Redentor

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

**C**omo membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, precisamos confiar plenamente no Senhor Jesus Cristo, a quem aceitamos como o Filho de Deus. Até que o mundo o aceite como Salvador da humanidade, viva seus ensinamentos e considere-o como o *Caminho*, a *Verdade* e a *Vida* em todas as fases de nossa vida, continuaremos preocupados em relação ao futuro e a capacidade de enfrentar os desafios que a mortalidade nos traz.

SOMENTE JESUS CRISTO É QUALIFICADO, DE FORMA ÚNICA, PARA PROPORCIONAR A ESPERANÇA, CONFIANÇA E FORÇA DE QUE NECESSITAMOS PARA SOBREPULAR O MUNDO E SUPERAR AS FRAQUEZAS HUMANAS.

O princípio fundamental de nossa religião é fé no Senhor Jesus Cristo. Por que é prudente concentrarmos nossa confiança, nossa esperança e certeza, numa única figura? Por que a fé no Salvador é tão necessária para termos paz interior nesta vida e esperança no mundo vindouro?

Nossas respostas a estas perguntas determinam se encaramos o futuro com coragem, esperança e otimismo, ou com apreensão, angústia e pessimismo.

Esta é minha mensagem e testemunho: Somente Jesus Cristo é qualificado

de forma única, para proporcionar a esperança, a confiança e a força de que necessitamos para sobrepujar o mundo e superar as fraquezas humanas. A fim de conseguir isso temos de pôr nele a nossa fé, e viver suas leis e ensinamentos.

Por que fé em Jesus Cristo?

Jesus Cristo foi e é o *Senhor Deus Onipotente*. (Vide Mosiah 3:5.) Ele foi escolhido antes de nascer. Foi o Criador todo-poderoso dos céus e da terra. Ele é a fonte da vida e luz de todas as coisas.

Sua palavra é a lei que governa tudo no universo. Todas as coisas criadas e feitas por ele estão sujeitas ao seu infinito poder.

Jesus Cristo é o *Filho de Deus*.

Ele veio a esta terra em época predeterminada, por meio de um nascimento real que preservou sua divindade. Combinavam-se em sua natureza, os atributos humanos de sua mãe mortal e os atributos e poderes divinos de seu Pai Eterno.

Sua herança singular o tornou herdeiro do honroso título – O Filho Unigênito de Deus na carne. Como Filho de Deus, herdou poderes e inteligência que nenhum ser humano já teve ou terá. Ele foi literalmente Emanuel, que significa “Deus conosco”. (Vide Mateus 1:23.)

Apesar de ser o Filho de Deus enviado à terra, o plano divino do Pai requeria que Jesus se sujeitasse a todas as dificuldades e provações da mortalidade. Assim, tornou-se sujeito a “tentações . . . fome, sede e cansaço” (Mosiah 3:7).

A fim de qualificar-se como Redentor de todos os filhos de nosso Pai, Jesus teve de ser perfeitamente obediente

a todas as leis de Deus. Por ter-se submetido à vontade do Pai, ele cresceu “de graça em graça, até receber a plenitude” do poder do Pai. Assim, ele obteve “todo poder, tanto nos céus como na terra” (D&C 93:13,17).

Quando compreendemos esta verdade sobre aquele a quem adoramos como o Filho de Deus, entendemos mais facilmente como ele tinha poder para curar doentes e todas as formas de doença, reviver os mortos e fazer com que os elementos lhe obedecessem. Mesmo os demônios, a quem ele expulsou, eram-lhe sujeitos e reconheciam sua divindade.

Como o grande Legislador, ele promulgou leis e mandamentos para o benefício de todos os filhos de nosso Pai Celestial. Na realidade, sua lei cumpriu todos os convênios anteriores com a casa de Israel. Disse ele:

“Eis que eu sou a lei e a luz. Voltai a mim vossos olhos, perseverai até o fim, e vivereis; porque a todo aquele que perseverar até o fim, dar-lhe-ei a vida eterna” (3 Néfi 15:9).

Sua lei requeria que toda a humanidade, independente de sua posição na vida, se arrependesse e fosse batizada em seu nome e recebesse o Espírito Santo como o poder santificador para purificar-se do pecado. A obediência a essas leis e ordenanças permitirá que toda pessoa compareça sem culpa diante dele no dia do julgamento. Quem obedece é comparado ao homem que edifica sua casa sobre alicerce seguro, de modo que “as portas do inferno não prevalecerão contra eles” (3 Néfi 11:39).

Nós o louvamos apropriadamente como a Rocha de nossa salvação (Vide 2 Néfi 4:30).

A fim de apreciarmos e sermos gratos pelo que ele



TALVEZ NUNCA ENTEN-  
DAMOS OU COMPREEN-  
DAMOS, NA MORTALIDADE,  
COMO ELE REALIZOU O  
QUE FEZ; PORÉM, NÃO  
PODEMOS DEIXAR DE  
COMPREENDER POR QUE  
ELE O FEZ.

realizou por nós, lembremo-nos destas verdades vitais:

Jesus veio à terra para fazer a vontade de nosso Pai.

Veio sabendo que tomaria sobre si o peso dos pecados de todos nós.

Sabia que seria pregado na cruz.

Nasceu para ser o Salvador e Redentor de toda a humanidade.

Ele foi *capaz* de realizar sua missão porque era o Filho de Deus e possuía o poder de Deus.

*Prontificou-se* a cumprir sua missão porque nos ama.

Nenhum ser mortal tinha o poder ou capacidade de redimir todos os outros mortais de sua perdição e queda, nem poderia entregar a vida voluntariamente, proporcionando, dessa forma uma ressurreição universal a todos os outros mortais.

Só Jesus podia e se dispôs a realizar esse ato redentor de amor.

Talvez nunca entendamos ou compreendamos, na mortalidade, *como* ele realizou o que fez; porém, não podemos deixar de compreender *por que* o fez.

Tudo o que realizou foi motivado por seu amor abnegado e infinito por nós. Ouvi suas próprias palavras:

“Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer; . . .

Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais

grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente – desejar não ter de beber a amarga taça e recuar” (D&C 19:16,18).

Como foi tão característico de toda sua experiência mortal, o Salvador sujeitou-se à vontade do Pai e bebeu da amarga taça.

Sofreu as dores de todos os homens no Getsêmani, para que não precisassem sofrer, desde que se arrependessem.

Submeteu-se a humilhações e insultos de seus inimigos, sem reclamar ou retaliar.

E, finalmente, suportou a flagelação e a vergonha brutal da cruz. Só então se submeteu voluntariamente à morte. Como disse:

“Ninguém ma tira de mim (minha vida), mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.” (João 10:18.)

Ele é a *Ressurreição* e a *Vida* (João 11:25).

Esse poder de retomar a própria vida foi possível por Jesus Cristo ser Deus

– o próprio Filho de Deus. Por causa de seu poder de superar a morte, toda a humanidade irá ressuscitar. “Porque eu vivo, e vós vivereis” (João 14:19).

Como nós reverenciamos o seu nome – sim, até mesmo os títulos sagrados que representam seus feitos!

Ele é o nosso *Grande Exemplo*.

Ele foi perfeitamente obediente ao Pai Celestial e demonstrou-nos como abandonar o mundo e manter nossas prioridades em perspectiva.

Devido a seu amor por nós, ele mostrou-nos como

TER FÉ NELE SIGNIFICA  
ACREDITAR QUE, APESAR  
DE NÃO ENTENDERMOS  
TODAS AS COISAS, ELE  
AS ENTENDE. DEVEMOS,  
PORTANTO, BUSCÁ-LO  
“EM TODO PENSAMENTO,  
NÃO (DUVIDANDO), NÃO  
(TEMENDO).”

superar nossas pequenas fraquezas e demonstrar afeição, amor e caridade no relacionamento com outras pessoas.

Ele é o *Pão da Vida*. (Vide João 6:35.)

Por meio de jejum, oração e serviço ao próximo, ele mostrou-nos que “nem só de pão viverá o homem” (Mateus 4:4), mas precisa ser alimentado pela palavra de Deus.

Ele, “como nós, em tudo foi tentado”, embora sendo “sem pecado” (Hebreus 4:15), e assim pode socorrer os que são tentados. (Vide Hebreus 2:18.)

Ele é o *Príncipe da Paz* – o supremo *Confortador*. (Vide Isaías 9:6.)

Como tal, tem poder para confortar o coração angustiado, transpassado por angústia ou pecado. Ele proporciona um tipo especial de paz que nenhum meio humano pode oferecer.

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27).

Ele é o *Bom Pastor*. (Vide João 10:11.)

Tem todos os atributos da natureza divina de Deus. É virtuoso, paciente, bondoso, longânimo, gentil, manso e caridoso. Se somos fracos ou deficientes em alguma dessas qualidades, ele está pronto a nos fortalecer e compensar.

Ele é o *Conselheiro Maravilhoso*. (Vide Isaías 9:6.)

Não há, na realidade, condição humana – seja sofrimento, incapacidade, deficiência mental ou pecado – que ele não possa compreender ou que seu amor não possa tocar.

Ele declara hoje:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11:28).

Ele é nosso *Advogado, Mediador e Juiz*.

Por ser Deus, ele é perfeitamente imparcial, age com justiça e misericórdia. Ele pode simultaneamente defender nossa causa e julgar nosso destino.

Fé nele é mais que o simples reconhecimento de que ele vive. É mais que uma declaração de fé.

A fé em Jesus Cristo consiste em confiar plenamente nele. Como Deus, ele tem poder, inteligência e amor infinitos. Não há problema humano que ele não seja capaz de resolver. Tendo-se sujeitado a todas as coisas, (vide D&C 122:8) ele sabe como ajudar-nos a superar as dificuldades diárias.

Ter fé nele significa acreditar que, apesar de não entendermos todas as coisas, ele as entende. Devemos, portanto, buscá-lo “em todo pensamento; não (duvidando), não (temendo)” (D&C 6:36).

Ter fé nele significa confiar que ele tem todo poder sobre todos os homens e todas as nações. Não há mal que ele não possa coibir. Todas as coisas estão em suas mãos. Esta terra é seu legítimo domínio. Ele, contudo, permite o mal para que possamos escolher entre bem ou o mal.

Seu evangelho é a receita perfeita para todos os problemas humanos e males sociais.

Seu evangelho, porém, só será efetivo na medida em que o aplicarmos em nossas vidas. Portanto, devemos “(banquetear-nos) com as palavras de Cristo; sim, pois eis que as palavras de Cristo (nos) ensinarão todas as coisas que (devemos) fazer” (2 Néfi 32:3).

A menos que *acatemos* seus ensinamentos, não demonstramos fé nele.



Imaginai como este mundo seria diferente se toda a humanidade fizesse como ele disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento . . .

Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:37,39).

Qual, então, é a resposta à pergunta: "O que deve ser feito acerca dos problemas e dilemas que indivíduos, comunidades e nações enfrentam hoje?" Aqui está a receita simples do Senhor:

"Crede em Deus; acreditai que ele existe e que criou todas as coisas, tanto no céu como na terra; acreditai que ele tem *toda* a sabedoria e poder, tanto nos céus como na terra; acreditai que o homem não pode entender todas as coisas que o Senhor pode.

. . . Acreditai que vos deveis arrepender de vossos pecados, abandoná-los e humilhar-vos diante de Deus, pedindo com sinceridade de coração que ele vos perdoe; e agora, se acreditais em todas estas coisas, *procurai fazê-las*" (Mosiah 4:9-10; grifo nosso).

Como membros da Igreja, temos "a obrigação de fazer do imaculado Filho do Homem o nosso ideal – o único Ser perfeito que andou na terra.

O mais sublime Exemplo de Nobreza.

Divino por natureza.

Perfeito em seu amor.

Nosso Redentor.

Nosso Salvador.

O Filho imaculado de nosso Pai Eterno.

A Luz, a Vida, o Caminho" (David O. McKay, *Improvement Era*, junho de 1951, p. 478).

Eu o amo de toda minha alma.

Humildemente testifico que ele é hoje o mesmo Senhor amoroso, e piedoso que trilhava os caminhos poeirentos da Palestina. Ele está ao lado de seus servos nesta terra. Ele nos ama e se preocupa conosco. Disto podeis ter certeza.

Ele vive hoje como nosso Senhor, Mestre, Salvador, Redentor e Deus.

Que Deus nos abençoe a todos para que creiamos nele, o aceitemos, adoremos, confiemos nele sem reservas, e o sigamos, é minha humilde oração. □

#### IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Um princípio fundamental de nossa religião é fé no Senhor Jesus Cristo.

2. Aqueles que nele têm fé, enfrentam o futuro com coragem, esperança e otimismo.

3. Jesus é qualificado, de forma única, para dar-nos força e confiança, por ser o nosso Criador, o Filho de Deus com poderes divinos, nosso Redentor devido à sua expiação inigualável, aquele que nos proporcionou a ressurreição, nosso Grande Exemplo em todas as coisas, o supremo Confortador, nosso Maravilhoso Conselheiro, nosso Advogado, nosso Mediador e nosso Juiz.

4. Fé no Senhor significa ter plena confiança nele – no seu poder, inteligência e amor.

5. O evangelho do Senhor só é efetivo na medida em que o aplicamos em nossas vidas.

# PERMITI QUE O MESTRE SEJA VOSSO PROFESSOR

“O SERMÃO DA MONTANHA”, DE CARL HEINRICH BLOCH O ORIGINAL ENCONTRA-SE NA CAPELA DO CASTELO FREDERIKSBORG, DINAMARCA USADO COM PERMISSÃO DO MÚSEU DE FREDERIKSBORG.



(Vide Mateus 5-7.)

# LEMBRANÇAS D

**O**s melhores presentes de Natal não podem ser embrulhados. Nenhuma loja os vende. Não há dinheiro capaz de comprá-los. São as lembranças do Natal, que tornam o ano inteiro mais iluminado e nos ajudam a sermos pessoas melhores em todos os outros meses. Nas páginas a seguir, cinco líderes da Igreja compartilham conosco suas lembranças de Natal.



# E NATAL

## Uma Reunião Jubilosa

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

ESTA FOTO DA FAMÍLIA BENSON, DE 1944, FOI PUBLICADA NUM JORNAL DA CIDADE DO LAGO SALGADO. REUNIR-SE COM A FAMÍLIA INTEIRA NO NATAL, LEMBRA O PRESIDENTE BENSON DE SUAS RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA DOS NATAIS EM FAMÍLIA NA FAZENDA.

**A**o ser desobrigado de minha primeira missão, em 1923, voltei para casa em Whitney, Idaho, na Noite de Natal. Foi uma reunião jubilosa com meus dez irmãos e, particularmente, com meus pais, num lar que tinha sido quase tão perfeito quanto um lar santo dos últimos dias poderia ser.

Meus pais costumavam pendurar as meias de Natal nas cadeiras das crianças, colocando seus poucos presentes debaixo ou perto de cada cadeira.

Meus pais abriram-se comigo naquela noite de Natal – jamais me esquecerei disso – e ficamos acordados durante toda a noite. Na verdade, nem chegamos a ir para a cama. Enchemos as botas depois de irmos ao celeiro e outros locais da fazenda para procurar os presentes escondidos por nossos devotados pais. Isto ocupou boa parte da noite. O resto passamos conversando, meus pais contando-me o progresso de cada filho durante minha ausência, e eu falando-lhes e respondendo a suas perguntas sobre minha maravilhosa missão, de trinta meses, nas Ilhas Britânicas. Foi uma noite muito especial. Nunca sentira um amor tão profundo por meus pais como naquela noite.

Ficara combinado que as crianças podiam levantar-se cedo na manhã do Natal. Não me lembro da hora, mas acho que era lá pelas cinco.

Todos deviam ir à cozinha tomar um copo de leite com pão, manteiga e mel, antes de irem para a sala de jantar em busca das guloseimas contidas nas botas e deliciarem-se com os presentes de Papai Noel. (Pai Natal\*) Foi uma manhã alegre. Não pude reter as lágrimas ao observar, com orgulho, as reações de meus seis irmãos e quatro irmãs, e a expressão amorosa de meus nobres pais, vendo sua posteridade participar do espírito de Natal e sentindo a união existente em nosso círculo familiar.

*Escrito originalmente para a revista New Era de dezembro de 1988.*

\* N. do T.: Expressão usada em Portugal.



# Um Natal Ensolarado

ELDER L. TOM PERRY  
DO QUÓRUM DOS DOZE

**H**á muitos anos, eu fazia parte das tropas de ocupação num país estrangeiro, no final de uma guerra terrível. Pouco depois de chegarmos a esse país, já amávamos aquele povo, de quem deveríamos cuidar, e nos preocupávamos com eles. Isto se aplicava particularmente aos jovens, às crianças. Muitas vezes os víamos revirando nossos latões de lixo, em busca de sobra de alimentos para sobreviverem. Isto nos tocava profundamente e quisemos fazer alguma coisa mais substancial para ajudá-los. Depois de angariar todo o dinheiro possível, encontramos um grupo religioso local, disposto a estabelecer um orfanato para eles. Doamos todo o tempo de que dispunhamos para melhorar as instalações e lhes fornecemos os recursos financeiros necessários.

Ao aproximar-se o Natal, escrevemos aos nossos familiares pedindo que, em lugar de presentes para nós, mandassem brinquedos para as crianças do orfanato. A reação de nossos familiares foi formidável. Diariamente chegavam pacotes com brinquedos.

Arranjamos uma árvore que podia servir de árvore de Natal, mas não dispunhamos de nenhum enfeite tradicional. Uma senhora ensinou-nos a confeccionar pequenos pássaros de papel, os quais se tornaram a parte principal da decoração. Os presentes foram embrulhados quase todos em folhas do jornal *Stars and Stripes*, que haviam sido jogadas fora. Nunca me esquecerei da véspera de Natal com aquelas crianças. Estou certo de que muitas delas nunca tinham visto uma árvore de Natal.

Cantamos-lhes canções de Natal, embora não fossemos muito bons nisso. Elas estavam ensaiando havia semanas uma música em inglês. Não tinha nada a ver com o Natal, mas foi uma beleza. Cantaram "You Are My Sunshine" (És meu raio de sol). Ficamos profundamente comovidos com o espírito das crianças naquela noite de Natal, particularmente quando abriram os presentes mandados por nossos familiares. Suponho que algumas delas não viam um brinquedo há muitos anos.



**O ELDER PERRY SERVIU NAS FORÇAS ARMADAS DURANTE A GUERRA. NO NATAL, ELE E SEUS AMIGOS CUIDARAM DE CRIANÇAS ÓRFÃS E ATÉ DESISTIRAM DE SEUS PRÓPRIOS PRESENTES, PARA QUE ELAS PUDESSEM GANHAR BRINQUEDOS.**

Esse é um Natal de que nunca me esquecerei, porque aprendemos um pouco do verdadeiro sentido dessa grande data. A maior alegria que podemos receber na vida é levar um pouco de alegria e felicidade à vida de um nosso semelhante.

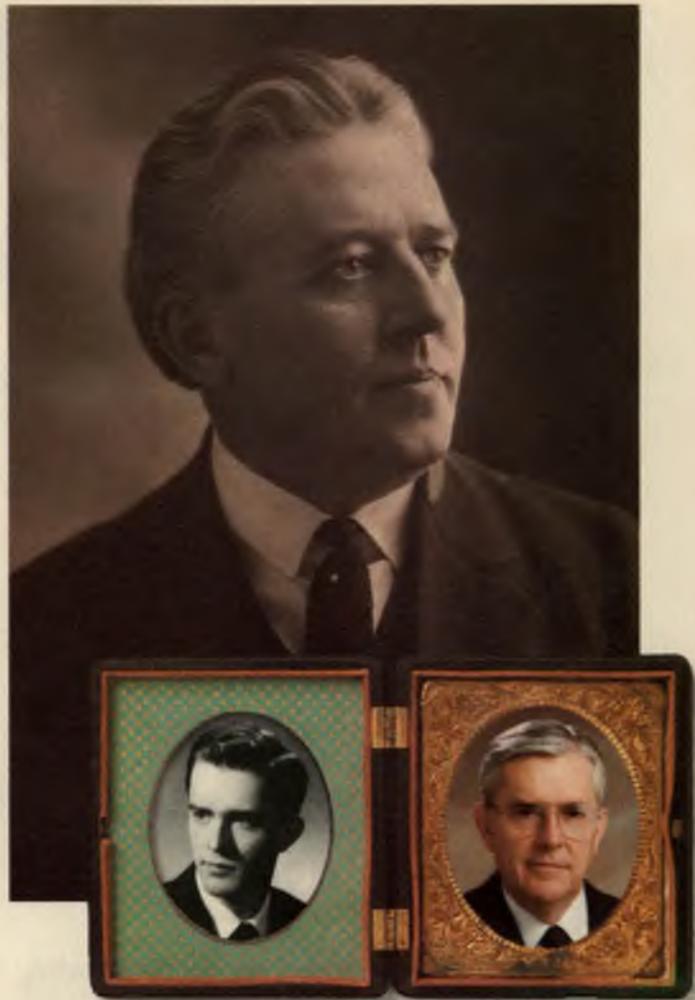
# Recordações de Meu Avô

ÉLDER M. RUSSELL BALLARD  
DO QUORUM DOS DOZE

**U**ma de minhas mais caras lembranças de menino é a visita anual que meus avós Ballard faziam nas manhãs de Natal, à nossa casa, na Avenida Buttler, na Cidade do Lago Salgado. Melvin J. Ballard faleceu quando eu tinha dez anos. Eu sabia que vovô Ballard era uma pessoa muito importante na Igreja, mas não compreendia o que significava ser um Apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Para mim ele era o vovô Ballard e isto bastava para que eu aguardasse com ansiedade suas visitas à nossa casa, especialmente nas manhãs de Natal.

Recordo-me particularmente de uma manhã de Natal, um ou dois anos antes de sua morte. Meus pais apresentaram meus avós com um novo jogo de malas. Foi um presente que me pareceu perfeitamente apropriado, porque parecia que meu avô estava sempre viajando, e nunca em casa.

A recordação daquelas manhãs especiais de Natal com vovô e vovó Ballard, suscita-me memórias muito caras, visto que, hoje, sou igualmente membro do Conselho dos Doze e tenho agora um novo e particular apreço por aquelas manhãs especiais de Natal com meus avós. Espero que agora, quando meus netos vêm visitar-me e eu os visito, eu possa criar para eles lembranças que continuem vivas muito depois de eu haver partido. □

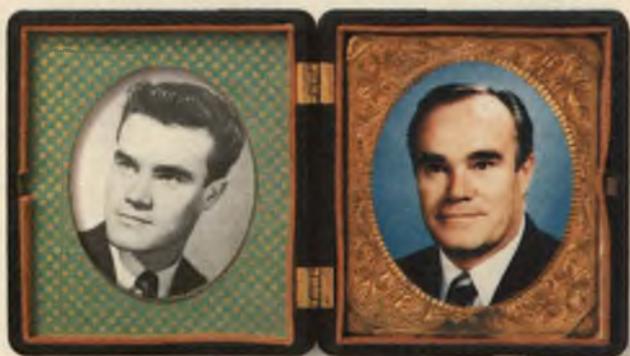


O ÉLDER BALLARD GUARDA LEMBRANÇAS DAS VISITAS NATALINAS DE SEU AVÔ, ÉLDER MELVIN J. BALLARD, QUE FOI UM MEMBRO DO QUORUM DOS DOZE APÓSTOLOS.





EM SEU PRIMEIRO NATAL NA MISSÃO BÉLGICA BRUXELAS, O ÉLDER PARAMORE E SEUS FAMILIARES LEVARAM ALGUMAS COISAS SUAS E UMA CESTA DE NATAL PARA UMA FAMÍLIA NECESSITADA. ELES SENTIRAM MAIS DO QUE NUNCA O QUE SIGNIFICA COMPARTILHAR.



## Um Presente Muito Maior

ELDER JAMES M. PARAMORE  
DA PRESIDÊNCIA DOS SETENTA

**A**nos atrás, nossa família teve o privilégio de cumprir uma missão na Bélgica e na França. Tínhamos seis filhos pequenos, inclusive um bebê nascido naquele país. Antes do Natal, escrevemos para casa pedindo algumas roupas e presentes de Natal

para nossos filhos, mas a encomenda não chegou a tempo.

Sentados juntos na véspera do Natal, lendo o Novo Testamento e o relato do nascimento do Salvador, estávamos um pouco melancólicos, porque não haveria muitos presentes. Lendo, porém, sobre a dádiva recebida do Pai Celestial, seu Filho amado, Jesus, demo-nos conta de que havia muita gente na cidade que necessitava de nossa ajuda. Então juntamos depressa algumas coisas nossas e uma caixa de mantimentos, e fomos em busca de uma dessas famílias.

Quando chegamos ao pequeno apartamento e começamos a cantar músicas de Natal, nossos corações se encheram de alegria como nunca antes. Sentimos o que significa presentear, sentimos o espírito daqueles que estavam recebendo e o espírito de nosso Pai Celestial. Voltamos para casa, naquele Natal, com um presente muito maior do que os presentes que esperáramos receber de casa. Em verdade, a única dádiva real é dar de si mesmo.



TODOS OS ANOS  
A FAMÍLIA DA  
IRMÃ KAPP  
REÚNE-SE PARA  
COMEMORAR O  
NASCIMENTO DO  
SALVADOR E  
RENOVAR O  
COMPROMISSO  
DE VIVER DE  
ACORDO COM  
SUA VIDA E  
ENSINAMENTOS.



## O Sino Ainda Soa

ARDETH G. KAPP

PRESIDENTE GERAL DAS MOÇAS

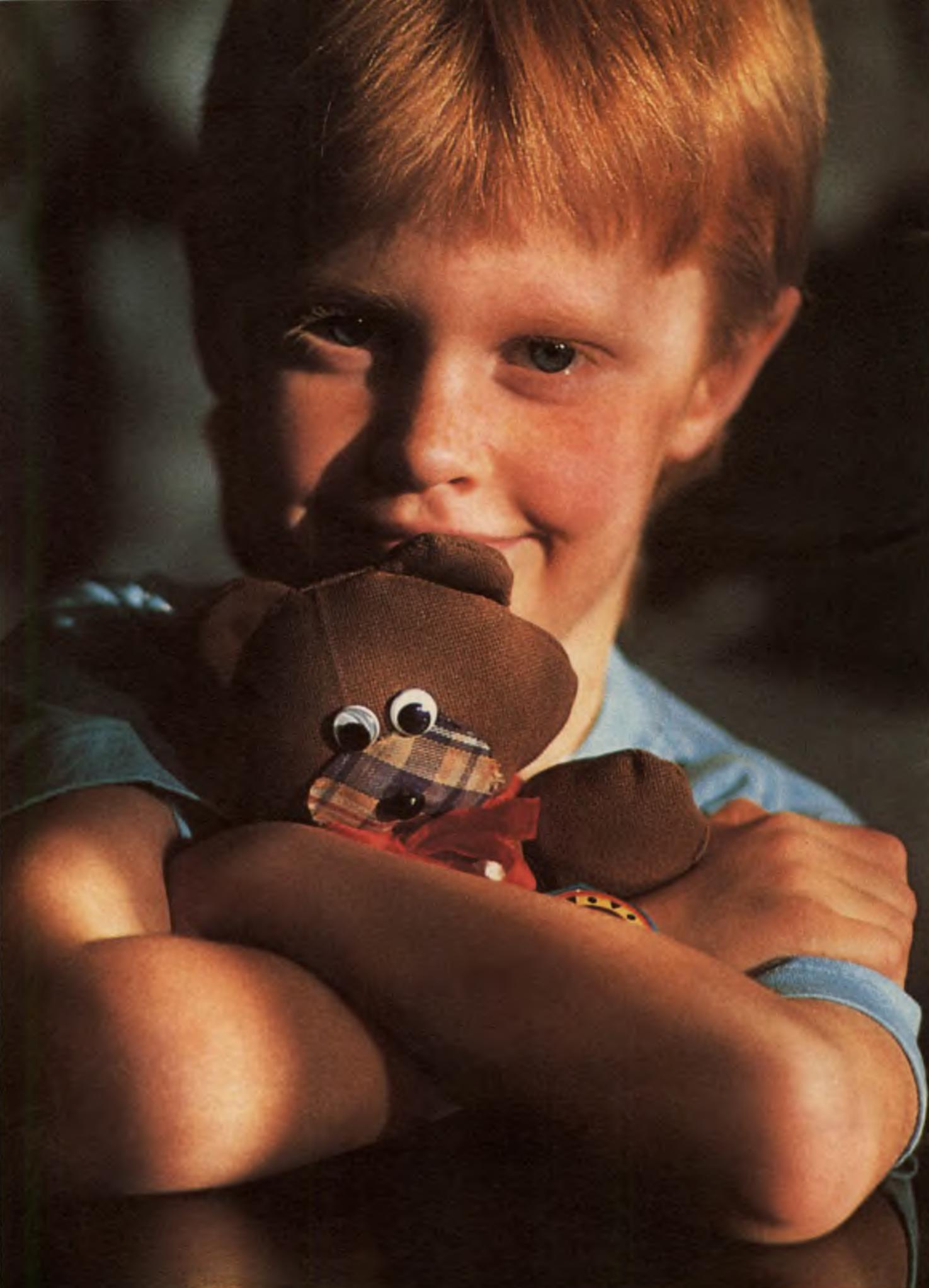
**H**á alguns anos, pouco antes do Natal, minha sobrinha Shelly, tomando a mão da mãe, perguntou com seriedade: “Será que posso acreditar só mais um ano em Papai Noel (Pai Natal)?”

Desde esse incidente memorável, nossa família instituiu uma tradição familiar. Todos os anos, na véspera do Natal, reunimo-nos em torno da árvore. Com as luzes amortecidas e o fogo crepitando na lareira, fazemos novamente a pergunta, a mais importante do ano: “Será que podemos acreditar mais um ano?” – crer não só nas tradições infantis, de Papai Noel (Pai Natal), mas na mensagem do nascimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, cujo aniversário celebramos. Cremos em sua missão, sua expiação, sua ressurreição? Cremos em seu convite para segui-lo?

Naturalmente não nos estamos comprometendo só por mais um ano. Comprometemo-nos a seguir o Salvador eternamente. Nós, porém, vivemos um dia, uma semana, um mês, um ano de cada vez, e o Natal é a época certa para nos concentrarmos no ano vindouro e reconfirmarmos nosso discipulado.

Após a conversa e o compromisso, alguém lê em voz alta “O Expresso Polar” de Chris Von Allsburg, uma história que conta como aqueles que têm fé conseguem sempre ouvir o claro som de um sino de prata.

Terminada a história, cada um de nós recebe um minúsculo sino novo, preso a uma fita de cetim vermelha, para usar no pescoço durante as festas. Atentamos para seu claro som, como testemunho e compromisso de que realmente cremos e procuraremos viver de acordo com nossa fé por mais um ano. Enquanto as chamas da lareira vão diminuindo, lemos na Bíblia o glorioso relato do Natal, registrado por Lucas, contando o nascimento do Salvador como anunciado por um anjo: “Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lucas 2:11), e nós cremos. □



# Ursinhos Salvadores

LORETTA PARK

**W**esley Larsen, cinco anos, de Layton, Utah, encontra-se numa cama de hospital recuperando-se de fraturas múltiplas na perna. Está rodeado de bexigas, cartões coloridos e enormes animais de brinquedo. Mas o que ele não larga mesmo é um pequeno ursinho, de confecção caseira. Ele o ganhou dos paramédicos. O que Wesley não sabe, é que o ursinho é presente das jovens da Estaca West Point Utah.

Wesley fala dos paramédicos que o levaram de ambulância para o hospital e lhe deram o ursinho como prêmio por sua "bravura". Durante as semanas que passou no aparelho de tração, o ursinho não saiu de perto dele.

O ursinho confortador foi resultado de um projeto organizado por Micki Adams, presidente das Moças da Estaca West Point, e de Annice Nixon, segunda conselheira. Depois de ler num jornal a respeito de um projeto semelhante em outra comunidade, elas conversaram com o Capitão K.D. Simpson, da polícia local,

sobre a idéia de fornecer ursinhos às unidades de paramédicos e patrulha.

Os ursinhos seriam muito úteis, disse-lhes o Capitão Simpson, porque há crianças envolvidas em quase quarenta e cinco por cento dos serviços prestados por seu departamento.

Sabendo como as crianças ficam assustadas diante de um policial ou paramédico, as jovens da estaca decidiram "dar às crianças algo em que se concentrarem além da dor", diz a irmã Adams. "Queríamos dar-lhes algo para se apegar e amar."

Por isso, numa reunião das Moças da estaca, puseram mãos à obra recortando, costurando, enchendo e fazendo o acabamento a mão em mais de duzentos ursinhos.

Lori Ellsworth, uma abelhinha disse: "O primeiro ursinho que fiz foi bastante difícil até eu adquirir prática. Mas valeu a pena, porque ajudará alguém a esquecer-se um pouco de suas dores."

QUANDO UM GRUPO DE JOVENS DOOU URSINHOS PARA AJUDAR CRIANÇAS VÍTIMAS DE ACIDENTE, ELAS DESCOBRIRAM QUE, NA VERDADE, ESTAVAM DOANDO AMOR.





**NICOLE SEGURA O URSINHO QUE TEVE JUNTO DE SI DESDE O ACIDENTE ATÉ A HORA DA CIRURGIA. OS LINDOS URSINHOS SÃO REALMENTE UMA SALVAÇÃO QUANDO UMA CRIANÇA SOFRE DORES OU ESTÁ ASSUSTADA.**

Noventa ursinhos ficaram prontos naquela noite. Os restantes, as jovens levaram para acabar em casa, em seu tempo livre.

Os ursinhos têm vinte centímetros de altura e foram feitos de retalhos doados por membros da estaca. Outros membros doaram o material de enchimento.

O departamento policial recebeu cem ursinhos. Outros cem foram doados ao hospital local, onde foram pendurados na árvore de Natal, para que cada jovem paciente escolhesse o seu.

Quando os paramédicos ou policiais atendem a um chamado que envolva alguém com menos de dez anos, eles dão à criança um ursinho. Isto passou a ser norma no departamento de polícia.

Diz o Capitão Simpson: "Foi preciso que os paramédicos entregassem ursinhos duas ou três vezes, antes de perceberem como isso era bom para acalmar as crianças. Agora eles e os policiais se valem dos ursinhos sempre que lidam com crianças."

Eles, porém, não servem só para crianças. Os paramédicos deram um urso a uma mulher de oitenta anos, que sofrera um derrame. "Foi a única coisa que conseguiu acalmá-

la", conta o Capitão Simpson. "Ela não largou mais do ursinho."

O Capitão Simpson, que é também paramédico aviador, sabe por experiência própria quão efetivos os ursinhos são com crianças. Nicole Wallace, de doze anos, teve que ser removida de helicóptero de um hospital para outro. Ela estava sofrendo hemorragia interna provocada por um rim e fígado lacrados num acidente de automóvel. Recusou-se a largar o ursinho durante todo o tempo da transferência de um hospital para outro. Separou-se dele apenas pouco antes da cirurgia.

Referindo-se ao acidente, diz Nicole: "O carro ficou muito danificado, e os paramédicos tiveram que retirar o assento traseiro antes de me removerem pela janela de trás. Quando me puseram na ambulância, deram-me este lindo ursinho. Ele não me deixou ter medo. Fiquei agarrada a ele, para não doer tanto. No hospital ele ficou comigo na minha cama."

Jennifer Techmeyer, uma abelhinha, diz: "Achei que foi realmente uma coisa muito boa para se pôr na ambulância para as crianças. Mas o que foi especial, foi poder doar nosso amor a elas." □

# TU ÉS MEU IRMÃO

JORGE VALBUENA



AO CONVERSAR COM O POBRE CEGO  
FAMINTO, OS ENSINAMENTOS DO  
SALVADOR TORNARAM-SE UMA  
REALIDADE PARA MIM.

**Q**uando chegou ao pronto-socorro do hospital, não passava de mais um vagabundo. Seu corpo magro e encolhido, coberto de feridas, foi-se aproximando devagar. Os olhos cegos fitavam insensíveis seu mundo particular de trevas. O odor desagradável dessa figura andrajosa bastava para que ninguém quisesse aproximar-se dele. Como médico, porém, era meu trabalho; por isso convidei-o a acompanhar-me.

Durante o exame ele ficou repetindo que estava doente e precisava de ajuda. Depois de descrever todos os sintomas, resmungou desconsolado: “Não tenho família nem lar onde possa dormir ou comer.” Compadeci-me dele — havia tantos na mesma situação! O que eu podia fazer?

Enquanto tratava dele, conversamos a respeito de Deus. Ele compreendia a importância dos ensinamentos de Jesus Cristo e a necessidade deles em nossa vida. Achava, porém, difícil entender as pessoas que diziam crer em Deus mas recusavam-se a demonstrar preocupação e compaixão para com o próximo. Ele tinha conhecidos que diziam acreditar em Deus, mas quando lhes pedia alimento, nada lhe davam.

A única pessoa que se dispôs a ajudá-lo, era uma mu-

lher quase tão pobre quanto ele. Ela trabalhava muito para ajudar a sustentar a família, recolhendo e vendendo roupas velhas e trapos. Convidara-o a morar com eles na pequena cabana de zinco. Era minúscula, cheia de moscas e ratos — mas ali seria bem recebido.

Andamos e conversamos umas três horas. Embora seus olhos fossem cegos, o coração não o era. Quase toda nossa conversa girou em torno de Deus. Perguntou-me: “Doutor, o senhor acredita em

Deus?” Respondi de pronto: “Creio sim, e tu és meu irmão.” Falei sem pensar. Mas ao dizer isso as palavras enterneceram meu coração e compreendi que era verdade!

Durante nossa conversa, meu amor por ele foi crescendo. Fiquei assombrado ao começar a entender o que significa ser um irmão. Senti-me grato pela lição que estava aprendendo de alguém que, achara eu, não tinha nada para dar. Dei-lhe um pouco do meu tempo e algum alimento, mas ele deu-me compreensão. □

*Jorge Valbuena é membro da Ala La Paz, Estaca Maracaibo Sul Venezuela.*

# “ V E M E



PINTURA DE JAMES J. TISSOT

# V Ê ”



ELDER MARVIN J. ASHTON  
DO QUORUM DOS DOZE

**J**esus nasceu em Belém, mas depois ficou conhecido como Jesus de Nazaré, local de seu primeiro lar. Ele criou-se em Nazaré, um lugarejo num vale entre os montes do Mar da Galiléia. Nazaré era uma cidade pobre, sem liderança respeitada e com poucos habitantes. Quando Jesus cresceu e começou a ensinar, as pessoas “admiravam a sua doutrina porque a sua palavra era com autoridade” (Lucas 4:32).

Aqueles que o viram e ouviram, ficaram admirados e também assustados, intrigados e assombrados com sua vida e realizações. Costumavam falar uns com os outros sobre seus extraordinários feitos, conduta e origem.

Natanael, um de seus discípulos, disse a Filipe: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê” (João 1:46). Naqueles dias, como hoje, a resposta é: Se que-reis conhecer Jesus, vinde e vede.

A palavra *vir* significa mover-se para, chegar-se a, ou aproximar-se.

**EIS QUE VIERAM UNS MAGOS DO  
ORIENTE A JERUSALÉM,  
PERGUNTANDO: “ONDE ESTÁ AQUELE  
QUE É NASCIDO REI DOS JUDEUS?”**

**OS PASTORES FORAM  
CONVIDADOS A VIR E VER.  
ELES VIRAM. ELES  
ESTREMECERAM. ELES  
TESTIFICARAM. ELES  
REGOZIJARAM-SE. VIRAM O  
PRÍNCIPE DA PAZ.**

*Ver* é perceber com os olhos ou obter conhecimento ou percepção.

Em Lucas lemos:

“E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.

E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os

homens.

E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber” (Lucas 2:7-15).

Os pastores foram convidados a *vir* e *ver*. Eles viram. Eles estremeceram. Eles testificaram. Eles regozijaram-se. Viram-no envolto em panos, deitado numa manjedoura, o Príncipe da Paz.

“E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,

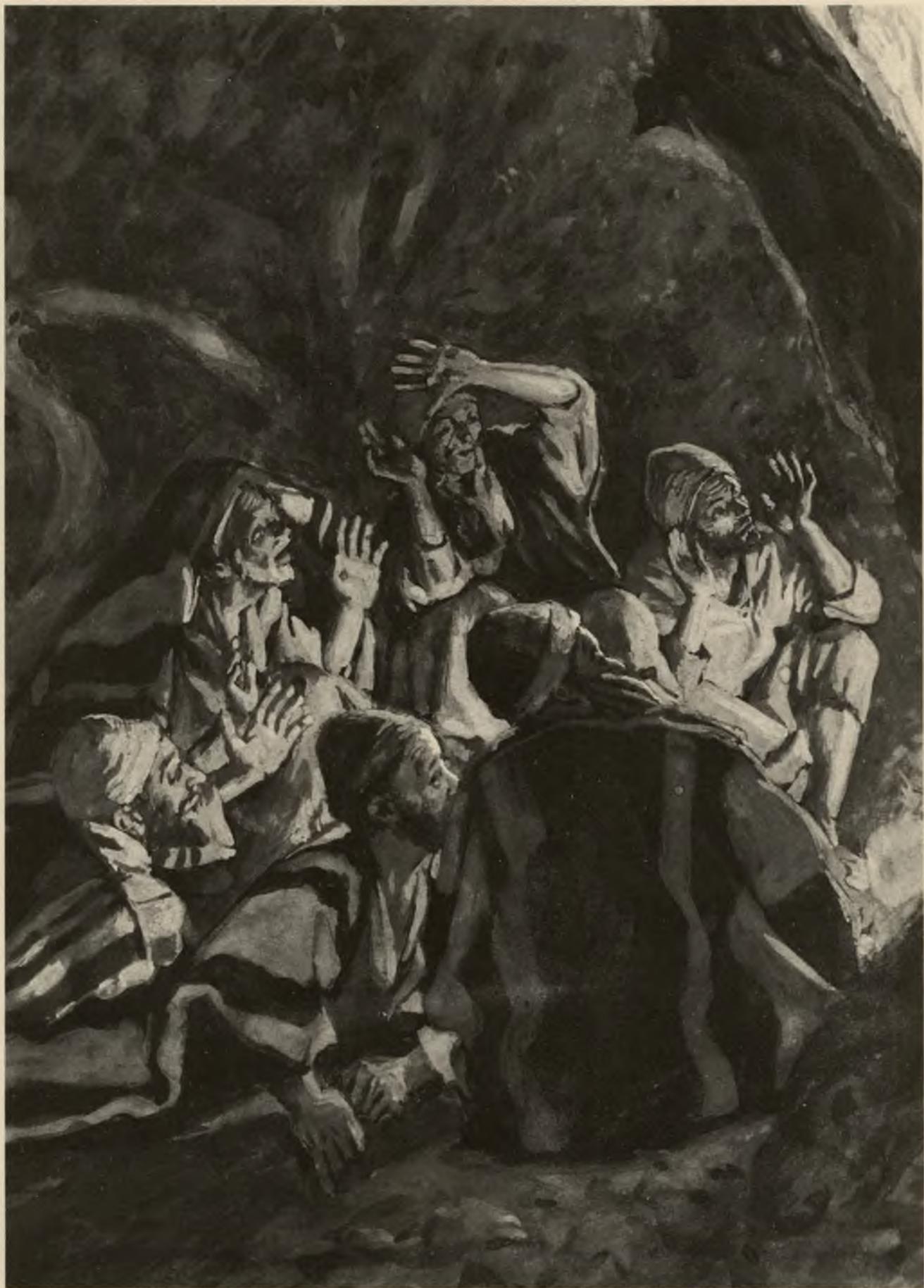
Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos adorá-lo” (Mateus 2:1-2).

Ao mundo, declaramos humildemente: “Ele está aqui. *Vem e vê.*”

Neste Natal, eu vos ofereço o dom da *determinação para virtudes e verdes.*

Alguns poderão dizer: “Estou perdido.” “Minhas condições são impossíveis.” “Ninguém se importa.”

Recentemente, disse-me um moço profundamente perturbado e desesperado: “Está certo outros terem um



feliz Natal, mas não eu. Não adianta. É tarde demais.”

Podemos ficar de longe e reclamar. Podemos ficar de longe e acalantar nossos pesares. Podemos ficar de longe cheios de auto-piedade. Podemos ficar de longe e criticar. Podemos ficar de longe e tornar-nos amargos.

Podemos vir e ver! Podemos vir, ver e conhecer!

Permiti-me fazer-vos algumas sugestões para esta época de Natal e para todos os dias futuros?

Evitai qualquer aparência de presunção, convencimento, hipocrisia ou a atitude de “melhor que tu”. Devido a certas atitudes inadequadas de nossa parte e da parte de amigos e pessoas que não são da Igreja, alguns não-membros tendem a indagar: “Pode alguma coisa boa vir desta escola ou daquela? Pode alguma coisa boa vir daquela cidade? Pode alguma coisa boa vir daquela vizinhança? Pode alguma coisa boa vir daquela ala? Pode alguma coisa boa vir daquela casa?”

Nossa resposta deveria ser: *Vinde e vede*. Vinde e conhecei-nos.

Às vezes nós esquecemos a verdade: “Cremos em . . . fazer o bem a

*todos os homens.*” Até que ponto somos amigáveis com nossos vizinhos? Como tratamos as pessoas que não são da Igreja? Quão amigáveis nos mostramos com nossos colegas de escola? O segundo grande mandamento continua sendo: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:31).

O princípio do amor nos leva a aceitar as pessoas. Quem é meu próximo? Jesus no-lo diz na conhecida história do bom samaritano. (Vide Lucas 10:29-37.) O bom samaritano de hoje pode ser a pessoa que se mostra amiga do solitário, do retraído, da minoria, e daqueles que silenciosamente imploram bons amigos.

Ampliemos nosso círculo de amigos. Com amor e cortesia, desarmemos aqueles que não gostam de nós ou não nos entendem. Evitai contendas. Convidai outros para nos conhecerem melhor. Que nossa vida e exemplo sejam melhores, para que eles possam “vir e ver”.

Oro que nosso Pai Celestial vos ajude, e também me ajude, a receber “o dom de vir e ver”. Que nos ajude a termos a determinação de saber, de crer e declarar que Jesus é o Cristo, o Senhor dos senhores,

o Rei dos reis, nosso Salvador, nascido em Belém, em ambiente e condições humildes. Como e onde nasceu são circunstâncias totalmente insignificantes, em comparação com o que ele era.

Precisamos de uma fé constante para declarar ao mundo que Jesus vive hoje, que ele é nosso Salvador, nosso amigo, o Filho de Deus, e que sua igreja e seu reino estão hoje ao alcance de todos. Deus realmente vive. Jesus é um com o Pai. É preciso autodisciplina não apenas para saber, mas também para declarar estas verdades. Com o amor e a ajuda de Deus, tudo isso é possível, e o conhecimento e a compreensão do verdadeiro sentido do Natal nos trarão paz e alegria. Quando isso acontece torna-se possível que preciosas lembranças e realizações sobrepujem perdas e insucessos na busca da alegria.

Se quereis amá-lo, vinde e vede. Se quereis conhecê-lo, vinde e vede.

Jesus de Belém e de Nazaré é o Unigênito do Pai – nosso Redentor, nosso Salvador, Cristo, o Senhor. Declaro solenemente esta verdade e deixo-vos meu testemunho especial em nome de Jesus Cristo. Amém. □

## LEMBRAR-SE DO SENHOR PELO ESTUDO DAS ESCRITURAS

“MINHA ALMA SE DELEITA NAS ESCRITURAS, E MEU CORAÇÃO MEDITA SOBRE ELAS.” (2 NÉFI 4:15.)

**C**omo mãe de três crianças em idade pré-escolar, Márcia Lopes procurava viver o evangelho e criar os filhos em retidão, mas ela achava que não tinha tempo para estudar as escrituras.

“O que a jornada de Léhi para a terra prometida tinha a ver com meus problemas?”, indagava-se ela. “Onde estavam o capítulo e o versículo do Livro de Mórmon que dizem como dar banho em uma criança de dois anos ou fazer outra, de quatro, recolher seus brinquedos? Eu tinha certeza de que havia coisas mais importantes com que me preocupar do que saber quem iria vencer a próxima guerra entre nefitas e lamanitas.”

A resposta surgiu quando ela foi chamada para dar aulas de Viver Espiritual na Sociedade de Socorro. Ao estudar as escrituras para preparar as aulas, verificou que continham a solução para muitas perguntas. Então começou a buscar respostas escriturísticas para seus problemas com a criação dos filhos.

“Comecei a ler o Livro de Mórmon com um propósito,” recorda-se. “Sempre que descobria um exemplo para os pais, eu escrevia a referência com uma breve anotação. Quando terminei, organizei os exemplos que descobrira, segundo os princípios ensinados, seguidos de como aplicava

cada princípio.” As escrituras tornaram-se um guia para a educação de seus filhos. (Vide “O Livro de Mórmon como Guia para os Pais”, *A Liahona*, agosto de 1989, pp. 33–34.)

Estudando regular e fervorosamente as escrituras, o Espírito nos levará a refletir sobre passagens em particular, capazes de nos guiar, fazendo-nos aprender e crescer. Uma maneira de iniciar esse processo é identificar uma necessidade específica, pergunta ou problema, e depois procurar referências relativas a esse assunto, no índice ou dicionário de escrituras. Isto nos ajudará a “[aplicar] todas as escrituras às nossas circunstâncias para nossa utilidade e instrução” (1 Néfi 19:23).

As escrituras podem ainda ser uma fonte de conforto em épocas de pro-

vação. Gilberto, marido de Helena Soares, faleceu pouco depois de haver recebido uma bênção, na qual lhe era prometida a cura, se ele e Helena tivessem fé. Depois de sua morte, Helena preocupava-se por não ter tido fé suficiente.

“Diga-me, por favor, por que meu marido se foi,” perguntava ela ao mestre familiar. Ele então recorreu a Doutrina e Convênios 42:48, “Aquele que tiver fé em mim para ser curado e não estiver designado para morrer, será curado.”

“Ali estava a resposta para minha pergunta,” diz Helena. “Eu consegui aceitar que havia chegado a hora designada para Gilberto retornar para seu Pai Celestial.”

O Senhor está pronto para inspirar, ajudar e confortar-nos. Ao sinceramente buscarmos e ponderarmos as escrituras, ele nos dará alegria e paz em nossas vidas e forças para vencer as provações. □

ILUSTRADO POR BETH M. WHITTAKER



### SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Você ou a irmã visitada poderia compartilhar uma experiência pessoal em que sua vida foi tocada pelo estudo das escrituras.

2. Troquem idéias sobre como podemos criar o hábito de estudar regularmente as escrituras.

(Vide *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, pp. 17–18, 167 para materiais correlatos.)

# Sinais de Esperança

ANITA M. FEE

**E**la era tímida, eu extrovertida. Por que era ela o alvo das atenções?

Esta pergunta deve ter-me passado pela cabeça um milhão de vezes, todos os domingos durante os primeiros anos de minha adolescência. Donna Gilliam fazia parte da minha classe de Abelhinhas. Era uma menina quieta, bonitinha, cujos pais eram surdos. Por isso ela dominava perfeitamente a linguagem de sinais e todos os adultos consideravam-na um encanto. Ela costumava traduzir nos programas das Moças e as mães choravam. Era sempre ela quem traduzia com as mãos. E todos, exceto eu, parecia-me, ficavam muito comovidos.

Foi uma época em que eu era egoísta, querendo atenção e querendo ser o centro de tudo, mas competir com Donna era impossível. Com seus modos tímidos, ela, e também sua família, ocupavam um lugar especial em nossas reuniões e no coração dos membros da ala. Não obstante, meu ciúme continuava.

Um mês depois de eu completar quatorze anos, minha mãe sofreu um grave acidente de carro. Ela não morreu, mas ficou gravemente ferida. Ficou no hospital, num aparelho de tração, durante um mês e meio. O acidente aconteceu em novembro, e ficou claro que minha mãe passaria o Natal hospitalizada. Como era importante incluí-la em todas as atividades familiares que pudéssemos, isto significava que nós também passaríamos o Natal no hospital.

Outros familiares meus encaravam esse Natal como uma “experiência especial” ou, mais precisamente, uma experiência que nos faria “crescer”. Em minha opinião, era simplesmente terrível.

Eu não contribuí muito para a edificação espiritual de minha família, naquela noite de Natal. Isolei-me num canto do quarto e fiquei ali sentada, com pena de mim mesma. Estávamos todos só olhando um para o outro, prontos para abrir nossos presentes natalinos, mas sem a costumeira antecipação e entusiasmo.

Foi então que entrou Donna.

“Olá, irmã Fee”, ela cumprimentou calmamente minha mãe, enquanto seus pais entravam atrás dela. “Passamos aqui só por um minuto. Achemos que poderíamos cantar alguma coisa.”

Todos nós olhamos surpresos. Seus pais eram surdos! Como poderiam cantar?

Pus meus presentes de lado e ergui a cabeça, interessada. Não estava exatamente contente porque iam cantar, considerando meu ciúme de Donna, mas mesmo assim fiquei atenta.

Eu não estava absolutamente preparada para os sentimentos que irromperam dentro de mim, ao ouvir suas vozes suaves cantando “Noite Feliz”. Suas mãos se moviam simultaneamente, falando do Cristo infante e da paz celestial. Lágrimas brotaram-me dos olhos, embora procurasse reprimi-las. Ouvi o choro reprimido de minha mãe, na cama do hospital. Os olhos de Donna também estavam marejados. Percebi, então, como eu havia sido injusta com ela!

Quando a canção terminou, suas mãos descansaram. Todos nós nos olhámos, tomados pela emoção. Então eles partiram, tão silenciosamente como haviam chegado. Ainda no canto do quarto, fiquei ponderando o novo discernimento adquirido. Por que eu tivera tanto ciúme dela? Ela possuía um talento especial. Ela e seus pais deram um novo sentido ao nosso Natal, transformando-o, de uma experiência tristonha, numa celebração de renovação e esperança. O Espírito assegurou-me que minha mãe ficaria curada. Esse espírito fez-me perceber que eu também tinha talentos.

Ali mesmo, no quarto de hospital, prometi a mim mesma que cultivaria meus próprios talentos e não mais teria ciúmes dos outros. Com essa meta em mente, encontrei paz interior. E, mentalmente, fiquei ouvindo as palavras: “Noite feliz, noite feliz.”

Tudo estava tranqüilo em meu coração. □



# Uma voz na Neblina

TERRY J. MOYER

**E**ra véspera de Natal. Sozinho em seu carro, Dan Lytle estava dirigindo havia quatro horas e meia, na densa neblina da Califórnia. E, durante as mesmas quatro horas e meia, vinha seguindo o mesmo carro branco, com a mesma placa verde e branca, através da mesma neblina sem fim.

Dan não sentira tanto cansaço desde a missão. Ele levava um anel de brilhante no bolso, e havia uma jovem à espera dele, em San Leandro. Dan calculou que precisaria dirigir pelo menos mais três horas, até poder colocar o anel no dedo de Callie.

Parece que será uma longa noite, pensou consigo, enquanto ele e milhares de outros motoristas avançavam velozmente pela neblina.

Dan ligou o rádio em busca de música natalina que o ajudasse a passar o tempo. Não é interessante, pensou, como às vezes, à noite, se captam estações de todo o país no rádio do carro – e outras vezes esse mesmo rádio só produz estática? E desligou o rádio.

Durante talvez mais uma hora, Dan foi passando por um mundo nebuloso, no qual só podia ver, literalmente, a traseira do tal carro branco com placa verde e branca. Dirigir nessas condições era cansativo, tedioso, exigindo plena atenção. Então, foi como se ouvisse uma sugestão suave, porém incisiva: “Dan, vá para a faixa da direita e diminua a velocidade.”

Diminuir a velocidade? Por que? Todos os demais carros e caminhões não estavam indo muito bem nessa velocidade, como se não houvesse só pouco mais de três metros de visibilidade?

Além disso, já era tarde. Mesmo mantendo a veloci-

dade, Dan não poderia esperar entregar o anel até depois que essa nevoenta noite de Natal se transformasse num nevoento dia de Natal.

Dan ficou pensando. Teria sido mesmo uma advertência do Espírito ou apenas uma reflexão da mente cautelosa? Não poderia simplesmente continuar na mesma velocidade dos demais? Seria mesmo importante passar para a faixa da direita e diminuir a marcha?

Novamente o influxo: “Dan, se houver um obstáculo na pista, você não terá como frear a tempo. Vá para a direita e reduza a velocidade.”

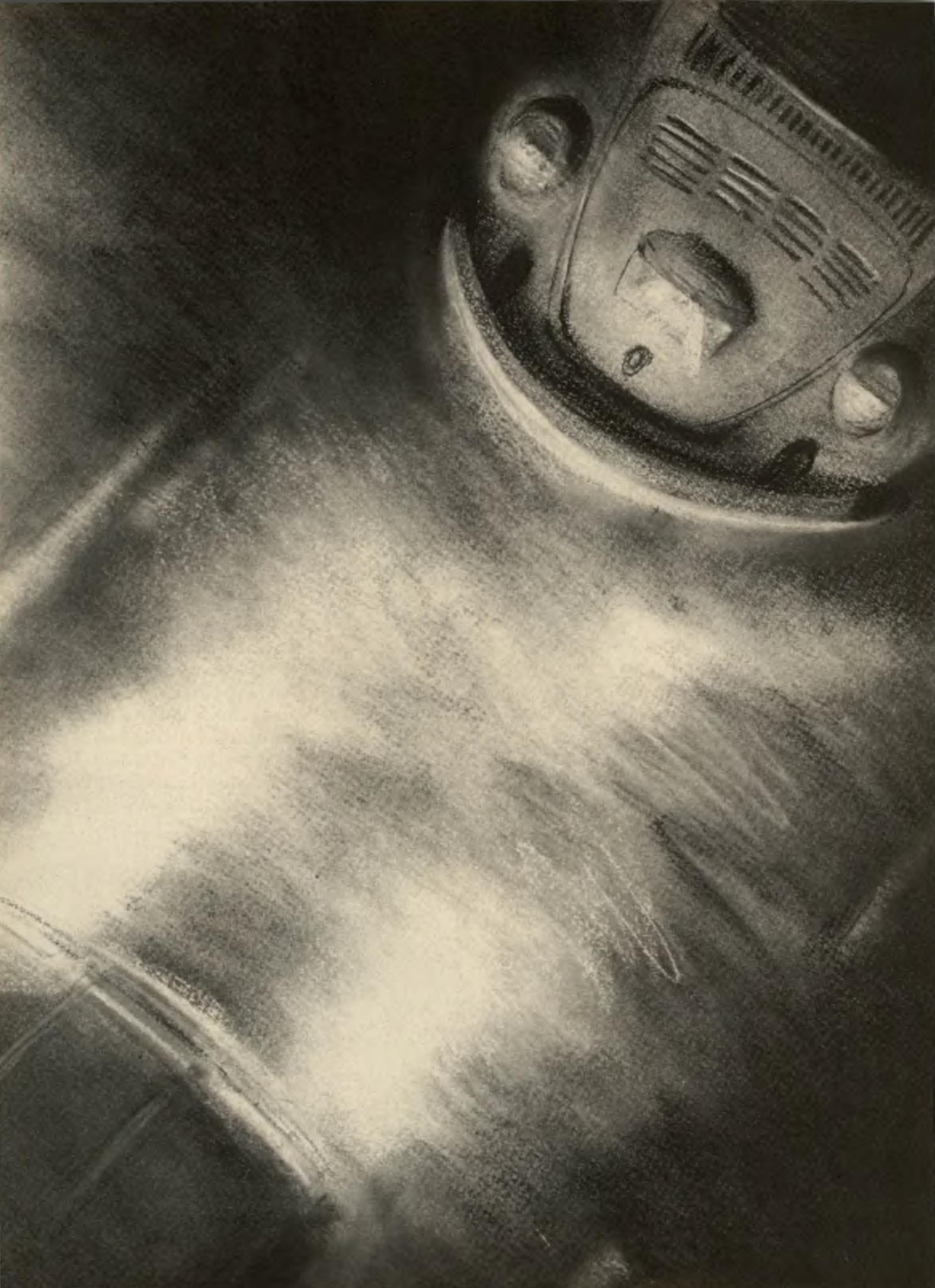
Dan Lytle aprendera que nunca deveria ignorar os influxos do Espírito. Com relutância, sinalizou mudança de faixa e depois foi para a direita, diminuindo a velocidade. O carro branco com placa verde e branca continuou em frente e em poucos segundos desapareceu na densa neblina.

Antes tarde do que nunca, suponho, pensou acabrunhado. Calculou que, naquela marcha, continuaria na estrada por muito mais tempo.

O pensamento de Dan voltou-se para o que acontecera a um bispo muito querido, numa outra véspera de Natal, há muitos anos. O bispo estava servindo no exército, e parecia que não haveria licença de Natal – parecia que o soldado Benjamin Clark teria que passar o Natal longe de seus amigos e entes queridos.

E então, no último minuto, viera a ordem auspiciosa: Sete dias de licença, a partir daquele momento.

Já era tarde demais para conseguir uma passagem de avião – tarde demais para tomar um ônibus partindo de Monterey, Califórnia. Também não dava mais para obter



carona com outros membros da Igreja, que estavam no acampamento – tarde demais para qualquer outra coisa, a não ser ir para a beira da estrada e tentar conseguir carona com algum motorista.

Um motorista de caminhão chamado “Red”, com uma carga de produtos da Califórnia, levou Ben para o leste, até Nevada. Ele juntou sua voz de barítono ao tenor irlandês de Red, e ficaram cantando todas as canções de Natal que conheciam.

Em Nevada, teve que ficar esperando no frio, por muito tempo, uma carona para o norte e para casa. Naquela estrada nunca havia muito tráfego – e tarde da noite, numa véspera de Natal, bem . . .

Finalmente apareceu um carro, os faróis varando a escuridão, o qual diminuiu a marcha, parou e levou-o. Felizmente, eles seguiam na direção certa e se dispuseram a levá-lo quase até seu destino.

Dan recordou como o bispo descrevera o que se seguiu: Só depois de se acomodar com sua mochila no banco de trás e o carro ter partido, é que o jovem soldado percebeu que os três rapazes do banco da frente estavam embriagados – e continuavam a beber. Eles ofereceram a Ben um gole da garrafa e ficaram ofendidos quando ele não aceitou.

O jovem soldado ficou assustado. O motorista estava totalmente bêbado; o carro corria demais e o rádio tocava a pleno vapor. Uma sensação sombria de mau agouro tomou a mente de Ben ao considerar sua situação.

Finalmente pediu: “Por favor, parem! Quero descer!”

Como resposta ouviu gargalhadas do banco da frente. “Fica firme, soldadinho, nós não vamos parar para nada e ninguém.”

Durante quilômetros Ben ouviu o chiado dos pneus no asfalto, a música berriante do rádio, o falatório irreverente e as gargalhadas do banco dianteiro, e suportou o cheiro forte de cigarro e uísque barato que o envolvia.

A cada quilômetro, au-

mentava seu temor pela própria vida. Por causa do medo, pusera-se a orar. “Pai Celestial, estou em sério apuro e não vejo como safar-me dele. Por favor, ajuda-me. Por favor, protege-me e preserva minha vida. Pai Celestial, estou com medo e preciso realmente do teu auxílio . . .”

Dan lembrava-se ainda das palavras exatas do bispo: “E então veio-me um influxo calmo e tranqüilo mandando que me deitasse no chão do carro e me cobrisse com a pesada mochila.”

Ele obedeceu imediatamente. No estreito vão entre o encosto do banco da frente e o de trás, Ben se agachou, encaixando-se bem, e puxou a pesada mochila sobre as costas. Depois encostou a testa no chão e protegeu a cabeça com os braços.

Passados poucos minutos, pareceu-lhe o fim do mundo. Houve o barulho dos pneus cantando, fortes guinadas de um carro fora de controle – e o impacto medonho de dois carros chocando-se em alta velocidade.

Muito mais tarde o jovem soldado SUD recobrou a consciência e encontrou-se num mundo escuro, em que não podia mover pernas nem braços. Parecia que tudo estava revirado e não havia nada que o ajudasse a orientar-se. Nada se movia dentro do carro parado – só se



sentia o cheiro de gasolina e uísque vomitado – de morte súbita, no que fora o banco da frente.

Já havia passado uma hora quando um caminhão parou no remoto local do acidente. Dois caminhoneiros haviam notificado a polícia pelo rádio, e achavam que não podia haver sobrevivente naquela cena de total destruição.

A polícia, porém, verificou o contrário. Juntamente com o casal morto num dos carros e os três adolescentes mortos no outro, encontraram e resgataram o soldado Benjamin Clark.

“Meu rapaz”, disse um deles, “você não sabe escolher muito bem seus companheiros de viagem, mas acho que alguém o esteve protegendo. Espero que faça bom proveito de sua vida, pois você tem uma dívida para com ele. Só Deus poderia ter permitido que sobrevivesse esta noite, sem um arranhão no corpo.”

E se o bispo Clark não estivesse em sintonia com o Espírito, naquela distante véspera de Natal? pensou Dan Lytle. Ou se tivesse ignorado o influxo?

Dan Lytle perscrutava atento a neblina à sua frente.

Então, de repente, viu o clarão vermelho de lanternas traseiras, faróis de sinalização

e o pisca-pisca de carros da polícia. Um policial, passando pelas filas de carros agora parados, ia informando: “Acidente terrível mais à frente – muitos carros e caminhões engavetados. Sejam pacientes, estamos tentando desobstruir pelo menos uma faixa, para poderem prosseguir.”

Só depois de muito tempo as quatro filas de carros que se dirigiam para o norte se acomodaram numa única faixa. A preocupação de Dan com as vítimas transformou-se em espanto e depois quase náusea, ao passar pelo monte de carros destruídos.

Viu carros retorcidos, caminhões dobrados ao meio, ambulâncias, carros da polícia, paramédicos – e formas humanas inertes, debaixo de cobertores, à margem da estrada.

Enquanto passava lentamente pelo local do acidente, Dan foi contando os veículos destruídos – 10 . . . 20 . . . 30. Quanta gente trocou a demora na estrada pela morte na véspera do Natal.

E ali estava o quadragésimo primeiro. Horrorado, Dan Lytle reconheceu o que fora o carro branco com chapa verde e branca – agora imprensado entre os destroços do número quarenta e do quarenta e dois.

Durante horas e horas seguiu aquele carro, pensou Dan. Durante horas – até que o Espírito me mandou trocar de faixa e diminuir a velocidade.

E se eu não estivesse em sintonia para receber o aviso? Ou se tivesse sido avisado, mas não ligasse? Ele estremeceu só de pensar. Dan compreendia agora, melhor do que nunca, o princípio que seu bispo aprendera muitos anos antes.

Depois de ter deixado o enorme engavetamento para trás, Dan retomou a velocidade reduzida. Ligou o rádio do carro e, de uma emissora muito distante, veio música de Natal, nítida, doce e confortante.

Não havia o menor sinal de estática. □



# Santos de

RICHARD TICE

**P**ercorrendo-se uns cinco quilômetros na direção norte sul, da cidade de Cingapura, passa-se por meia dúzia de hotéis de luxo, onze impressionantes Shopping Centers, diversos parques arborizados e numerosos prédios de apartamentos e escritórios. O passeio mostra o caráter moderno da ilha de Cingapura. Igualmente impressionante é a visão de cinco mesquitas muçulmanas, dois templos chineses budistas, três templos indianos – dois hindus e um sikh – além de seis igrejas cristãs. Às vezes, várias religiões diferentes estão representadas a menos de um quarteirão uma da outra.

Isto chama a atenção para duas características que distinguem a ex-colônia britânica de dois milhões, seiscentos e quarenta mil habitantes: a diversidade e coexistência pacífica de tantas religiões e grupos étnicos. Por exemplo, em 1989, um jornal local informava que 28,3 por cento da população eram budistas, 18,7 por cento eram cristãos, 16 por cento islâmicos, 13,4 por cento taoísta, 4,9 por cento hindu, e 17,6 por cento não tinham religião. Em muitas nações vizinhas de Cingapura, há tensões entre diferentes grupos étnicos e religiosos. Mas Cingapura conseguiu evitar isso em grande parte. Mesmo com tal diversidade, “o entendimento entre raças e culturas é uma característica nacional”, diz Ho Ah Chuan, presidente do Distrito de Cingapura.

A diversidade e a harmonia se refletem igualmente na Igreja. Por exemplo, quando foi inaugurado o novo centro de história da família, no ano passado, o irmão Rajamohan, um indiano, consultou entusiasmado um projetor de microfílm, para verificar os registros genealógicos disponíveis. “Tenho muitos antepassados que viveram no

sul da Índia”, diz ele. “Finalmente, posso começar a procurar seus registros.” A senhora que o auxiliava era chinesa. Ela sabia muita coisa sobre genealogias chinesas, mas quase nada sobre registros hindus. Ainda assim, fez o melhor que pôde, mostrando a seu amigo como manejar o projetor e quais os registros da Índia disponíveis. Quando os primeiros assentamentos apareceram na tela do projetor, o irmão Rajamohan exclamou: “Oh, não! São todos em hindi. Serei obrigado a aprender hindi também?” A maioria dos indianos que vivem em Cingapura falam tamil, língua comum no sul da Índia e em Sri Lanka.

Na conferência do Ramo Mandarim, do Distrito Cingapura, o Presidente Ho fala na reunião sacramental. Ele conta uma história do folclore chinês, substituindo a figura do sábio pelo presidente do ramo: O presidente do ramo aconselha um homem que reclama da falta de espaço de seu casebre de um cômodo, para nele abrigar seus patos, porcos e vaca junto com a família. Depois de alguns meses de confusão, o presidente lhe recomenda que deixe os animais ao relento, e o homem fica-lhe tão grato que nunca mais se queixa. Um aspecto interessante da reunião é que o Presidente Ho, bem como seus conselheiros, Tan Su Kiong e Francis Tan, que também falam na conferência, não são de origem mandarim, embora sejam chineses.

Os chineses formam quase 75 por cento da população dessa nação insular, mas falam muitos dialetos diferentes. Na escola, todos os chineses aprendem o mandarim, embora para muitos continue sendo o segundo idioma. Vivendo em bons termos com os chineses, vemos malaios, hindus, indonésios, coreanos, japoneses e *expats* – como

# Cingapura

FOTOS DE RICHARD TICE.  
A MENOS AVISO CONTRÁRIO.



FOTO DE HUANG BEE TAN



**SUPERIOR: O PRESIDENTE DO DISTRITO HO AH CHUAN ATENDE ÀS NECESSIDADES DE UMA CONGREGAÇÃO DEVERSIFICADA. INFERIOR: UM POLICIAL, FRANKIE PNG, DEU UM BOM EXEMPLO PARA A FAMÍLIA E COLEGAS DE TRABALHO.**

são chamados os europeus e norte-americanos ali residentes. Na escola, todos estudam inglês, o idioma oficial para todos os grupos étnicos. A maioria dos membros do Ramo Mandarim falam bem o inglês. (Os outros quatro ramos do distrito funcionam em inglês.) Além do inglês, os ma-

laios aprendem malaio, e os indianos, tamil. Essencialmente, todos os habitantes de Cingapura falam dois ou três idiomas, o que é necessário para aglutinar uma população tão diversificada.

A Igreja em Cingapura é pequena, mas forte. Cingapura foi dedicada para a pregação do evangelho pelo Élder Ezra Taft Benson, a 14 de abril de 1969. Em novembro de 1969, foi organizada a Missão Sudeste Asiático, sob a direção do Presidente G. Carlos Smith, com sede em Cingapura. O maior número de missionários que iam servir em Cingapura chegou naquele ano e, em janeiro de 1970, o ramo foi dividido. Muitos santos são membros da igreja desde aquela época. Francis Tan, por exemplo, encontrou os missionários em março de 1969, e foi batizado três meses depois.

Em 1970, a Igreja adquiriu um terreno na Estrada Bukit Timah, e a primeira capela foi terminada em 1973. Então, devido a críticas à Igreja por parte de líderes civis e religiosos, o governo restringiu para dois o número de missionários estrangeiros de cada grupo religioso. Essa lei foi revogada em 1988, permitindo-se agora o ingresso de dez missionários no país.

Mesmo assim, a década de oitenta foi um divisor de águas para a Igreja em Cingapura. No Ano Novo de 1980, foi organizada a Missão Cingapura, e o distrito começou a implantar mais plenamente os programas da Igreja. Na década de setenta, certo número de membros freqüentara a Universidade Brigham Young em Provo ou em Laie, no Havai, aprendendo, na prática, como a Igreja funciona em âmbito de ala e estaca. O Presidente Ho, por exemplo, fez seu mestrado na BYU. Assim, nos anos oitenta, havia

numerosos líderes experientes. Muitos cingapurianos também haviam começado a cumprir missão. Em 1987, a Igreja recebeu aprovação para adquirir mais propriedades. Hoje, existem mil cento e quarenta e dois membros em cinco ramos, que se reúnem em três capelas. Os prédios da Igreja, em Cingapura, pintados de cor creme, são particularmente atraentes. Reluzem ao sol, como se acabassem de ser lavados. (Em Cingapura chove de quinze a vinte e cinco centímetros por mês, fazendo com que a cidade pareça sempre recém-esfregada.) Mesmo numa cidade de muitos edifícios altos e belas estruturas modernas, as capelas são um motivo de orgulho para os membros.

As duas principais ênfases, no Distrito Cingapura, são reativação e obra missionária. A paciência e o amor devotados a esse trabalho são talvez o motivo de tantos membros antigos continuarem ativos na Igreja. Vez por outra, os esforços dos membros também resultam em batismos. Ruby e Vincent Goh, do Ramo Cingapura, são um dos exemplos.

Ruby foi batizada em 1969, com outras nove pessoas de sua família, mas logo tornou-se inativa. Diz ela: “Em 1973, casei-me com um não-membro que levava uma ativa vida social. Certa noite, quando íamos de carro para casa, sofremos um acidente. Eu fiquei inconsciente; meu marido morreu instantaneamente. Levei quase um ano para recuperar-me do choque e comecei a pensar seriamente em voltar para a Igreja.”

Em 1979, ela conheceu Vincent Goh no banco onde ambos trabalhavam, e acabaram casando-se em 1982. Em 1980, uma das irmãs de Ruby havia providenciado visitas regulares de mestres familiares. Ruby passou a frequentar a Igreja ocasionalmente, e Vincent acompanhou-a algumas vezes. Depois de casados, incentivada pelo marido não-membro e amigos da Igreja, Ruby tornou-se plenamente ativa.

Em 1985, entretanto, Vincent teve um problema no emprego. Diz ele: “Eu sabia que os membros da Igreja





**EXTREMA ESQUERDA: MEMBROS DO RAMO  
BEDOK, EM REUNIÃO SACRAMENTAL.**

**ESQUERDA: OS SANTOS DE CINGAPURA  
ORGULHAM-SE DE SUAS CAPELAS, COMO  
ESTA DO RAMO BUKIT TIMAH.**

**EMBAIXO: JOSEPH GOH E SUA FAMÍLIA  
APRENDERAM MUITAS LIÇÕES COM A LUTA  
CONTRA O CÂNCER.**



podiam procurar seus líderes para resolverem problemas difíceis. Embora não fosse membro, visitei o presidente do ramo e expus-lhe a situação. Ele ajudou-me a ter coragem para resolver o assunto. O problema acabou sendo resolvido, para satisfação de todos os envolvidos. Mais ou menos nessa época, li num Manual de Relações Sociais a respeito de viver pelo Espírito. Resolvi que precisava fazer algumas mudanças e fui batizado naquele ano.”

Ruby descreve seus sentimentos: “No batismo de Vincent, senti o Espírito mais forte do que nunca. Parecia que estava desposando um novo homem, embora já fôssemos casados. E senti-me como uma recém-casada. Não podia conter minha felicidade.”

Parte da força dos membros provém da responsabilidade de difundir o evangelho. Em Cingapura, é proibido o proselitismo aberto, como bater de casa em casa, distribuir literatura, reuniões de rua etc. Sendo assim, os missionários e casais que trabalham voluntariamente para a Igreja, servem como apoio. Eles fortalecem os membros, mantêm contato com os menos ativos e ajudam quando e onde solicitados pelos líderes da Igreja. Aos membros cabe apresentar o evangelho às pessoas.

O programa de seminário e instituto tem ajudado grandemente, provendo missionários e fortalecendo os membros. Richard Ang, diretor-adjunto de área do Sistema Educacional da Igreja, conta que os estudantes pediram o programa de seminário diário. Em julho de 1986, trinta estudantes começaram a reunir-se às 5h45min da manhã. Classes de instituto matutinas começaram em janeiro de 1988. Como o sistema de transportes públicos só começa a funcionar a partir das seis horas, os quoruns do sacerdócio se revezam, fornecendo condução e desjejum. O primeiro grupo de seminário formou-se em 1987. Nos últimos anos, todos os missionários locais saíram do programa de seminário e instituto. Atualmente, onze cingapurianos servem no país.

Barbara Hong, que fez parte da primeira classe de



seminário matutino, conta: “Meus pais, que não são membros, como muitos outros, não ficaram nada satisfeitos com o horário. Achavam que aulas de religião diárias, tão cedo, iriam prejudicar os estudos, mas nós provamos que tais aulas ajudavam nossos estudos. Nossa responsabilidade aumentou. Professores e colegas ficaram impressionados. Meus pais logo passaram a incentivar-me a freqüentá-las.”

Um suposto obstáculo à obra missionária tornou-se uma bênção. Todos os rapazes de dezenove anos precisam prestar serviço militar durante dois anos. Em Cingapura dá-se muita importância à educação; por isso, a maioria dos rapazes também tem algum estudo superior. Se cumprirem missão, os jovens têm pelo menos vinte e três anos ao ingressarem ou voltarem à faculdade. Isto não tem sido um impedimento. Os dois anos a mais de missão também não tem prejudicado sua admissão nas faculdades locais. Os dois anos de serviço militar têm produzido missionários mais maduros, dedicados. Isto é importante, visto que muitos membros de Cingapura vêm ajudando a fortalecer a Igreja em outros países.

A dedicação do Templo de Manila, Filipinas, em 1984, também contribuiu para fortalecer os santos de Cingapura. Edward e Lois Bacon, ex-consultores de história da família no Ramo Cingapura 2, informam que o distrito programa uma excursão ao templo todos os anos. À medida que aumentou a compreensão sobre o templo e seus propósitos, a freqüência também aumentou. Vinte membros participaram da primeira excursão. Agora eles fazem duas excursões por ano, cada uma patrocinada por um ramo, e com uma participação de vinte membros ou mais.

O padrão de vida em Cingapura é um dos mais elevados da Ásia. A cidade insular é um centro comercial e industrial. Possui um porto livre – o quarto maior porto do mundo e o primeiro em termos de tonelagem transportada. O aeroporto internacional é considerado excelente pelas linhas aéreas. Embora a passagem de ida e volta



**EXTREMA ESQUERDA: VISITANTES  
NUMA RECEPÇÃO PÚBLICA NA CAPELA  
DO RAMO BUKIT TIMAH. ESQUERDA: O  
DISTRITO DE CINGAPURA DÁ ÊNFASE À  
REATIVAÇÃO DE MEMBROS E OBRA**



**MISSIONÁRIA. EMBAIXO: ALUNOS DO  
SEMINÁRIO, COMO BARBARA HONG (À  
ESQUERDA) E FELINA KHONG,  
PROVARAM QUE O SEMINÁRIO AS  
AJUDOU EM SEUS ESTUDOS.**



para Manila seja dispendiosa, muitos membros têm visitado o templo nessa cidade. Dezenas de casais foram selados, e os santos também começaram a fazer a obra por seus antepassados.

Embora em certas épocas a opinião pública sobre a Igreja tenha sido negativa, isto está mudando. Os membros estão conquistando respeito para o evangelho restaurado, mantendo calmamente seus valores no serviço público e no trabalho. Helen Ho, presidente da Sociedade de Socorro de um ramo, serve como encarregada do comitê feminino do distrito eleitoral de Yuhua (um distrito de mais de 50.000 pessoas). Em cada distrito eleitoral, o comitê organiza atividades culturais e educacionais para mulheres, geralmente realizadas aos domingos. O comitê de Helen, entretanto, depois de ouvir suas crenças sobre o dia do Senhor, transferiu a maioria de suas atividades para o sábado. E ela não precisa comparecer àquelas que continuam acontecendo aos domingos.

Um converso, Frankie Png, policial, filiou-se à Igreja há pouco mais de um ano. Diz ele: "A princípio, meus colegas tentaram deixar-me encabulado, mas eu procuro sempre ser paciente e os incentivo a levar uma vida melhor. Também incentivo meus amigos islâmicos a viverem mais de acordo com sua religião. Agora, a maioria respeita minhas crenças." Devido ao seu bom exemplo, sua mãe e seu irmão foram batizados recentemente.

Os santos de Cingapura têm sido provados de modo comum a todos, bem como de forma peculiar às suas condições. Joseph Goh, secretário executivo do Ramo Bedok, lutou duas vezes contra o câncer, com a ajuda de sua esposa, Jemmie, e de seus dois filhos. Em 1987, Joseph percebeu um caroço na perna esquerda. Ele conta: "Eu estivera jogando futebol e sentia certa dor enquanto andava. Como a dor não passasse, minha mulher insistiu que eu fosse ao médico. O raio X revelou um tumor. Mais tarde, o médico disse-me que talvez fosse necessária uma amputação, caso o tumor estivesse preso ao osso. Lembramo-nos da bênção do sacerdócio, que eu

recebera na noite anterior, na qual me fora prometido que eu voltaria a andar.”

A operação removeu o caroço e depois Joseph submeteu-se a radioterapia por três meses. “Tive que reaprender a manter o equilíbrio e a andar. Kelvin, nosso filho de sete anos, orava diariamente por mim e muitas vezes ficava segurando-me a mão, tentando confortar-me. Recuperei-me a tempo de poder batizá-lo. Tive medo de cair durante o batismo, pois não conseguia firmar a perna, mas tudo correu bem.”

Então, em janeiro de 1988, uma radiografia revelou pontos brancos em seu pulmão esquerdo. Ele fez quimioterapia durante seis meses, perdendo todo o cabelo. Com sua imunidade natural diminuída, ele sofreu várias outras enfermidades, inclusive varicela. Por fim, todos os pontos brancos desapareceram, menos um. Este está sendo acompanhado cuidadosamente. Em dezembro, Joseph havia-se recuperado a ponto de poder viajar para Manila com a família, para serem selados no templo.

Jemie, que serve como primeira conselheira na presidência da Sociedade de Socorro, diz: “Essas experiências nos ensinaram a orar com fervor. Eu realmente nunca soubera antes o que é sofrer ou alegrar-se. Aprendi muita coisa sobre a fé com Joseph; ele não pôs a culpa em Deus e não se queixava. A segunda luta contra o câncer foi muito frustrante. Durante uma oração, vieram-me à mente as palavras: ‘Eu sei o que estou fazendo’, e então compreendi que precisava confiar em Deus.”

Joseph acrescenta: “Os problemas nos uniram. Por meio de nossa provação, soube do amor de minha mulher e filhos por mim, e passei a amá-los mais. Creio que o Senhor quer que aprendamos a ser mais pacientes, e a saber como as pessoas sofrem, para sermos mais compassivos e compreensivos.”

A história de Sukiman Abraham, que serve como líder missionário do Ramo Clementi, dá-nos uma idéia dos desafios singulares a Cingapura. Sukiman era de uma

religião não-cristã. Seus pais, nascidos na Indonésia, mudaram-se para Cingapura antes da II Guerra Mundial. Quando moço, Sukiman comparecia aos serviços religiosos com seus pais e estudava a religião deles.

Embora fossem muito devotos, os pais de Sukiman permitiram que freqüentasse uma escola com professores SUD. Certo sábado, enquanto jogava basquete com alguns jovens SUD, eles o convidaram para as reuniões da Igreja. Ele foi no dia seguinte, e diz: “Aprendi um pouco sobre o evangelho restaurado e recebi um exemplar do Livro de Mórmon. Comecei a lê-lo a caminho de casa.



FOTO DE HUANG BEE TAN

**SUPERIOR: OS MEMBROS ALVIN LAI E MARLENE LAU PARTICIPAM DE UMA ATIVIDADE DA IGREJA.**

**INFERIOR: HELEN HO, CENTRO, REÚNE-SE COM OS MEMBROS DO COMITÊ COMUNITÁRIO FEMININO DO QUAL É ENCARREGADA.**

Ouvi várias palestras durante a semana. Meu pai me repreendeu e jogou fora minhas escrituras. Minha mãe pediu que eu deixasse passar algum tempo, e que considerasse o que estava fazendo. Depois de um mês, decidi ser batizado.”

Os pais pediram-lhe que saísse de casa. Por dois meses ficou sem casa, até ingressar nas forças armadas. Passado algum tempo, os pais reconsideraram sua atitude e a mãe pediu-lhe que voltasse para casa. Ele, terminou o serviço militar, depois passou a trabalhar na marinha mercante. Seu pai faleceu em 1982. “Em seu leito de morte”, lembra Sukiman, “pediu-me que cuidasse de minha mãe, embora eu fosse um cristão. Passei a ser o arrimo da família. Eu queria cumprir uma missão mas, na religião de meus pais, abandonar a mãe é inconcebível. Uma noite, em 1985, recebi a resposta a minha oração: ‘Pode ir, que eu cuidarei dela.’ Então eu fui, o Senhor cuidou da minha família. Estavam todos bem quando voltei.”

”Minha mãe e eu nos damos bem, e ela me visita frequentemente. Ela sabe que o evangelho fez de mim um homem melhor e um filho mais obediente.”

Cingapura é decididamente um microcosmo de grupos étnicos, culturas, línguas e religiões do Sudeste Asiático. Acima de tudo, o que os membros nessa pequena nação demonstram, é que o evangelho é dado a todos os filhos de Deus.

“O evangelho nos dá uma compreensão melhor da razão da vida”, diz Francis Tan. “Ajuda a nos tornarmos semelhantes ao Pai Celestial. Ajuda-nos a atingir nosso potencial, a servir e fortalecer-nos uns aos outros. Todos nós abandonamos certas tradições quando nos filiamos à Igreja, mas tornamo-nos parte da igreja universal. Na verdade, não somos mais estrangeiros, mas concidadãos. Cingapura é um modelo dessa coligação. Fraternidade é a reunião de todos numa só família.” □

*Richard Tice, que visitou Cingapura para escrever este artigo, é membro da Ala Kearns Walnut Hills, Estaca Kearns Utah Oeste.*

## Missão de Cingapura

**E**mbora seja um país minúsculo, Cingapura exerce grande influência no Sudeste Asiático. Devido à sua localização central, sua população diversificada e seu poder econômico e comercial, a nação serve de acesso para muitos países que a cercam. Assim, pois, Cingapura proporciona uma sede natural para o crescimento do evangelho em grande parte do sudeste da Ásia. A Missão de Cingapura abrange 20% da população mundial. Além de Cingapura, a missão inclui Índia, Sri Lanka, Malásia e Indonésia. Os casais designados para a missão ficam viajando de Cingapura para outros países, dando assistência a ramos e distritos da Igreja. O Presidente Robert W. Houghton, em particular, passa grande parte de seu tempo em outros países, dirigindo conferências e orientando membros. Viaja para a Índia de quatro a cinco vezes por ano; para Sri Lanka quatro vezes ao ano; para a Malásia a cada dois meses; e para a Indonésia duas ou mais vezes por ano. Eis uma breve estatística das unidades da Igreja pertencentes à missão:

Índia: 3 distritos, 9 ramos, 729 membros. A liderança é predominantemente hindu.

Indonésia: 3 distritos, 17 ramos, 4.248 membros. A liderança é Indonésia.

Malásia: 1 distrito, 3 ramos, 277 membros. Liderança predominantemente Malaia.

Cingapura: 1 distrito, 5 ramos, 1.142 membros. Liderança Cingapuriana.

Sri Lanka: 1 ramo, 135 membros. Liderança de membros locais.



AS FLORESTAS PRÓXIMAS À FAZENDA DA FAMÍLIA DE JOSEPH SMITH SR. NÃO SÓ CONTRIBUÍAM PARA O SUSTENTO DIÁRIO, MAS TAMBÉM ENRIQUECIAM A VIDA ESPIRITUAL DA FAMÍLIA. EM ALGUM PONTO DESSAS MATAS, HAVIA UM LUGAR TRANQUÍLO “AO QUAL OS MEMBROS DA FAMÍLIA GOSTAVAM DE IR, PARA FAZER ORAÇÕES PARTICULARES.”

# O Bosque Sagrado

DONALD L. ENDERS

Quando Joseph Smith era ainda menino, os ministros das principais igrejas protestantes pregavam que Deus não mais falava com o homem. Diziam que a comunicação dos céus cessara com a morte dos apóstolos do Senhor, que a Bíblia continha toda a palavra de Deus para o homem e que não haveria mais revelação.

Deus, porém, não se esquecera da humanidade. Num lindo dia de primavera, em 1820, Deus o Pai e seu Filho, Jesus Cristo, apareceram pessoalmente ao jovem Joseph Smith, num bosque da propriedade de sua família, na região rural a oeste de Nova York. Este evento deu início à restauração do evangelho – ausente da terra havia séculos – e deu início à dispensação da plenitude dos tempos.

A família de Joseph Smith Sr., mudou-se em 1816 do Vale do Rio Connecticut, na parte ocidental de Vermont, para o oeste de Nova York, radicando-se em Palmyra, uma próspera aldeia localizada nas férteis terras onde se cultivava o trigo em torno da região de Genesee.

Cerca de dois anos após a chegada dos Smith a Palmyra, eles construíram uma casa de troncos três quilôme-



tros ao sul da aldeia, na Rua Stafford, a fim de ficarem perto da gleba de quarenta hectares de mata que estavam adquirindo. Antes da assinatura do contrato de compra da propriedade, em meados de 1820, receberam permissão do dono para começar a desmatar as terras. De 1819 a 1825 eles conseguiram desmatar vinte e quatro hectares, transformando essa parte da gleba em plantações, pastagens, pomar e hortas,

um local permanente para morar e lotes para construção.

Ao formarem sua fazenda, os Smith seguiram os costumes de grande parte de outros agricultores do século dezenove, reservando cerca de um terço das terras às florestas. Uns dez hectares dessas matas cobriam grande parte de duas colinas na parte ocidental da propriedade. A madeira dos carvalhos vermelhos e brancos, que havia em abundância ali, era usada para a confecção de barris. A família Smith usava outras árvores como combustível para cozinhar, aquecer a casa e ferviam a seiva para produzir xarope e açúcar. Além disso, vendiam lenha para os residentes locais.

As terras restantes, no lado ocidental da fazenda, foram deixadas como mata. Esta área continha muitas ár-

vores de bordo, dos quais extraíam a seiva para a produção de xarope e açúcar. As cerca de mil e quinhentas árvores de bordo que os Smith sangravam todos os anos, produziam mais que trezentos quilos de seiva por ano. Foi nesta mata que Alvin, o filho mais velho, provavelmente tirou os troncos de faia usados na construção da casa. O bosque fornecia madeira para a confecção de implementos domésticos e agrícolas, além de produzir frutos e nozes para a família e o gado.

As florestas da fazenda Smith não só contribuía para o sustento diário, mas também enriqueciam a vida espiritual da família. Em algum ponto dessas matas, havia um lugar tranqüilo ao qual os membros da família gostavam de ir, para fazer orações particulares.

Depois que os Smith deixaram a fazenda, os outros proprietários expandiram as áreas de cultivo, derrubando praticamente todas as árvores na parte leste da fazenda e reduzindo a mata do oeste à sua atual área de quatro hectares. É esse belo local, na parte oeste da fazenda, que reverenciamos tradicionalmente como o Bosque Sagrado – o local onde Deus, o Pai, e seu Filho,

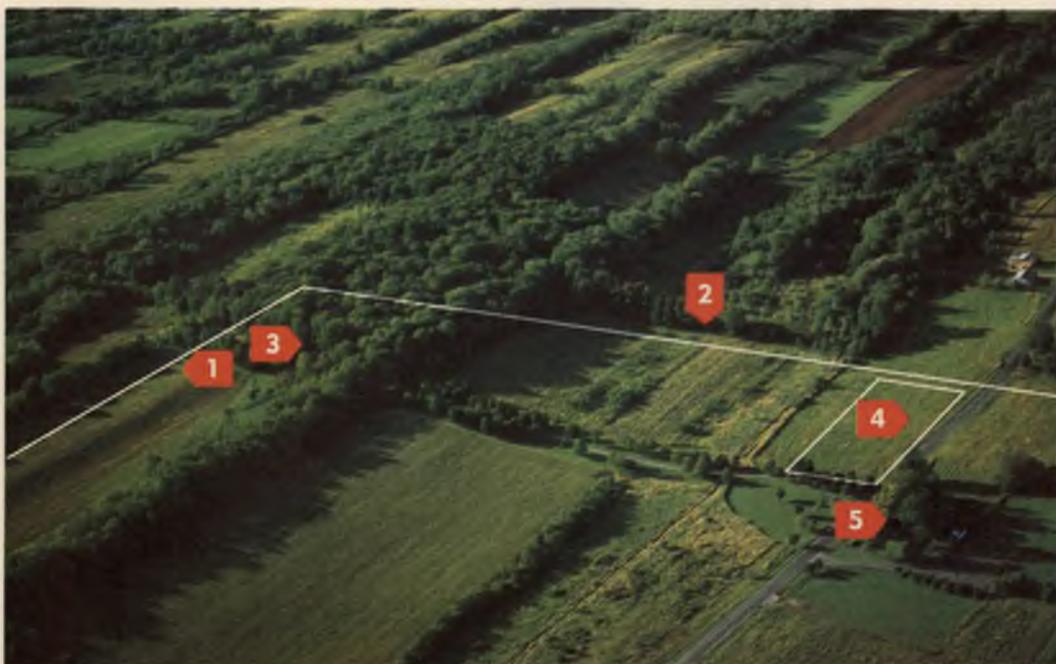
Jesus Cristo, apareceram a Joseph Smith, na primavera de 1820.

Joseph, que nascera a 23 de dezembro de 1805, não passava de um jovem quando teve a visão no bosque. Informes sobre sua meninice indicam que, desde muito cedo, ele vinha ponderando sua situação perante Deus. Era uma pessoa piedosa e que também buscava discernimento espiritual, estudando a Bíblia e freqüentando reuniões religiosas. Esses esforços, entretanto, não satisfizeram seu anseio de saber se era aceito pelo Senhor, e qual das igrejas, se é que havia alguma era a de Deus.

Afinal, Joseph convenceu-se de que Deus responderia as suas perguntas se o buscasse com fé. A epístola de Tiago inspirou Joseph a procurar entendimento divino por meio da oração. Era sua primeira tentativa de orar verbalmente, buscando respostas para essas perguntas específicas.

Diz Joseph: “Foi na manhã de um lindo e claro dia, nos primeiros dias da primavera de mil oitocentos e vinte.” Como o domingo era o único dia da semana em que um rapaz do campo ficava livre da pesada faina da prima-

**RESERVADO COMO CALMO LUGAR DE CONTEMPLAÇÃO, O BOSQUE SAGRADO TEM AINDA ALGUMAS DAS MESMAS ÁRVORES QUE LÁ CRECIAM NOS DIAS DE JOSEPH – MUITAS DELAS ALCANÇANDO DE VINTE E CINCO A TRINTA METROS DE ALTURA. ESTA FOTO MOSTRA A FAZENDA SMITH, COM O TRAÇADO EXTERNO MARCANDO SEUS LIMITES A OESTE (1) E NORTE (2). O BOSQUE SAGRADO FICA NO CANTO NOROESTE (3). OUTROS LOCAIS INCLUEM O POMAR DE MACIEIRAS (4) – POSSÍVEL LOCAL DA APARIÇÃO DE MORÔNÍ A JOSEPH EM 1823, E A CASA DA FAMÍLIA SMITH (5).**





vera, ele provavelmente escolheu o dia do Senhor para encontrar um lugar calmo e afastado para orar. Joseph disse mais tarde que fora orar num local da mata onde, no dia anterior, ele, seu pai e irmãos haviam cortado árvores. O trabalho agrícola obedece ao ritmo das estações, e a derrubada de árvores, geralmente para desmatamento, era realizada, dos fins do outono até o princípio da primavera, terminando a tempo de arar, plantar e cultivar as plantações. A derrubada de árvores costuma encerrar-se em fins de abril. Assim, deve ter sido de fins de março até fins de abril que Joseph buscou o Senhor em oração.

O local exato no qual Joseph orou e teve a maravilhosa visão, é desconhecido. Esta omissão, da parte de Joseph, parece intencional. Excetuando a referência específica à aparição do Senhor no Templo de Kirtland, durante a vida inteira o Profeta evitou citar, a não ser de forma vaga, os locais de eventos sagrados. Tal reserva é fruto do respeito às experiências sagradas.

O bosque no lado oeste da fazenda dos Smith vem sendo associado, há muito tempo, com a Primeira Visão, pelas pessoas que viviam na região depois que os Smith deixaram a área de Palmyra. Em 1860, Seth T. Chapman, que alegava ter sido amigo de infância de Joseph Smith, adquiriu a propriedade que fora dos Smith. Mais tarde contou ao filho William que nunca usou o machado nas árvores do bosque na parte oeste da fazenda, porque Joseph identificara o local como o lugar onde tivera a visão.

O Bosque Sagrado é um dos últimos locais de mata primitiva, na parte ocidental do estado de Nova York. Quando adquirida por Joseph Smith, Sr. e Alvin, a fazenda Smith, como quase todas as terras da redondeza, era coberta por uma esplêndida floresta de madeira de lei. Grande parte das árvores tinha de trezentos e cinquenta a quatrocentos anos de idade. E muitas delas

atingiam um tamanho enorme nessa antiga floresta.

O solo dessas vastas matas era coberto por um tapete de folhas de muitas estações. O solo fértil apresentava uma luxuriante vegetação de samambaias, gramíneas, flores silvestres, cerejeiras silvestres e corniso. Poucas matas no leste dos Estados Unidos, nos primórdios de 1800, conseguiam rivalizar em extensão, altura, idade e beleza com as matas do oeste de Nova York. A mão laboriosa da natureza havia criado, realmente, um santuário digno da presença do Pai e do Filho.

Um século e meio após a Primeira Visão, o bosque de quatro hectares conserva grande parte de sua primitiva beleza. Árvores já crescidas nos dias de Joseph, ainda enfeitam essa antiga mata. Muitas delas têm duzentos anos ou mais. O solo, ainda acumulando sua safra periódica de folhas caídas, continua sustentando sua sempre renovada vegetação rasteira.

O Bosque Sagrado está atualmente mais vigoroso, mais cuidado e mais bonito do que há muitos anos. A Igreja vem dirigindo há vários anos um programa profissional, destinado a salvaguardar e prolongar a vida desse belo arvoredo tão sagrado para os santos dos últimos dias. Nova vegetação e novos plantios estão ampliando os limites do bosque, para suas dimensões históricas e revigorando seu interior. O Bosque Sagrado está-se recuperando maravilhosamente dos males e da poluição que até recentemente ameaçavam seriamente sua existência.

Instruções determinando que o Bosque Sagrado, seja reservado como lugar tranquilo de contemplação para indivíduos, casais e pequenos grupos, a par de um programa de manutenção contínuo, ajudarão a garantir, para as futuras gerações, a possibilidade de usufruir a serenidade e santidade desse lugar sagrado. □

*Don Enders é curador sênior de locais históricos para o Departamento Histórico da Igreja. Ele reside na Ala Kaysville 11 (Utah).*

# Manter as Resoluções de Ano Novo

Você começa todo novo ano com muitos planos para melhorar sua vida e, passadas algumas semanas, perde o entusiasmo? Neste caso, veja algumas idéias para ajudá-lo a manter e melhorar as resoluções de Ano Novo:

Tome resoluções realistas. Não queira fazer tudo de uma só vez. Se atualmente não está lendo as escrituras, por exemplo, e sua resolução é ler meia hora por dia, talvez esteja planejando um fracasso. Pode ser mais realista decidir simplesmente ler alguma coisa, mesmo que sejam alguns versículos por dia. Depois que isso se tornar um hábito, então poderá procurar ampliar sua meta.

Estabeleça uma série de metas menores. Divida a meta maior em partes menores. Digamos, por exemplo, que queira economizar dinheiro. Em vez de deixar a coisa vaga, planeje guardar uma soma razoável no primeiro mês, depois uma soma maior até o fim do trimestre. Essas metas menores irão incentivá-lo, diante dos progressos sentidos.

Faça lembretes. Depois de decidir o que pretende fazer, prepare pequenos lembretes pessoais. O velho método de colar um bilhete no espelho ou num outro lugar onde o veja regularmente, pode servir. Se costuma ignorar seus lembretes, tente algo diferente. Muitas vezes coisas simples funcionam. Tome a decisão de ler as escrituras todos os dias, por exemplo. Ao se levantar pela manhã, coloque as escrituras sobre o traveseiro. Então ficará difícil dizer que as esqueceu, uma vez que será obrigado a removê-las antes de deitar-se.

Seja bondoso consigo mesmo. Se achar que suas resoluções o deixam acabru-

nhado, disponha-se a trocá-las. Afinal, são suas resoluções. Pode acontecer que decida fazer coisas quase impossíveis. Em lugar de considerar-se um fracasso, modifique suas metas, de modo que elas sejam um verdadeiro auxílio e resultem em progresso. □



# A ESTRELA

MARGARETA SPENCER

**E**m Belfast, Irlanda do Norte, eu tinha duas companheiras de quarto – jovens de outra religião que eu conhecera por meio de uma amiga comum. Nenhuma de nós tinha dinheiro de sobra. Carol e Anne faziam ambas o curso de parteira, e eu estava economizando para um curso de pós-graduação em enfermagem.

Nosso apartamento nada tinha de agradável, mas era tudo que podíamos pagar.

Mesmo assim, Carol e Anne decidiram comunicar-se com a Sociedade de Prevenção de Crueldade para com Crianças e oferecer-se para dar uma festa de Natal a doze crianças carentes. Naturalmente, concordei em ajudar no trabalho e no financiamento, assim como Marian, irmã de Carol.

Eu já vira um pouco da miséria dos cortiços. A cena mais pungente de que me recordo é uma menina, num vestidinho de verão andrajoso, sentada



# I N E S P E R A D A



ILUSTRADO POR PAUL MANN

na calçada fria, brincando com um pouco de barro sujo por falta de outro brinquedo. Não me seria possível encontrar essa mesma criança, mas eu podia tentar ajudar algumas outras.

Nossa árvore de Natal tinha uns sessenta centímetros de altura e estava enfeitada com nove pequenas bolas de vidro, tiras de papel laminado e uma estrela feita do forro de uma caixa de cereal. Como decoração, penduramos, no teto, algumas bexigas e tiras de papel colorido. A comida era simples: batatas fritas e salsichas, tomates grelhados, doces e uma laranjada. Os doze brinquedos eram pequenos e baratos: um colar de contas de plástico, um jogo de mamadeiras para boneca, um livro de figuras, mais alguns brinquedinhos e jogos infantis. E, lembrando-me da menininha sentada na calçada, comprei uma caixa de massa para modelar.

As crianças apareceram tão limpas e arrumadas quanto possível, usando as melhores roupas que

tinham, quase todas bastante usadas e rotas. Contei-as mentalmente: *onze, doze, treze!* Uma das meninas trouxe sua irmãzinha que se recusara a ficar em casa. Um problema para nós.

Naquela época, meu projeto para o bazar da Sociedade de Socorro era confeccionar roupas para pequenas bonecas de plástico. Eu tinha diversas bonecas em meu quarto. Embrulhei uma delas no último pedaço de papel de seda e coloquei-a debaixo da árvore para nossa hóspede inesperada.

Quase todas as crianças ficaram num grupo junto à porta, mas um menino decidido de oito anos foi examinar todos os presentes através do fino papel de embrulho.

“Se não se importa, senhorita”, declarou, “eu fico com este jogo de futebol de botão, para mim e meus amigos.”

Embora sorrindo, Carol se manteve firme.

“Vamos distribuir os presentes no fim da festa. Agora vamos fazer algumas brincadeiras.”

Brincamos as brincadeiras deles; eles nos acompanharam nas nossas. Contamos histórias; eles contaram experiências vividas. Nós cantamos, embora nós, adultas, tenhamos ficado cansadas de tanto repetir, algumas das canções favoritas deles.

“No ano passado”, anunciou a menina mais velha, esforçando-se para parecer elegante num vestido desengonçado e sapatos de salto alto, grandes demais, para seu corpinho de menina de doze anos, “fui a uma festa num salão enorme. Havia centenas de crianças como nós ali e uma árvore de Natal que chegava ao teto.”

“A festa foi boa?”, perguntou uma vozinha ligeiramente invejosa.

“Que nada! Ninguém teve tempo para conversar conosco como estas boas damas estão fazendo.”

Servimos a refeição singela, que a princípio suscitou gritos de alegria e depois o silêncio de quem come com vontade.

“Você não comeu tudo”, reclamou um dos meninos à sua vizinha.

“Não consigo comer mais,” defendeu-se esta. “Nunca tive tanta comida no meu prato de uma só vez.”

“Então passa para cá, porque é um pecado desperdiçar comida tão boa.”

Ele comeu ainda as sobras de alguns outros pratos, mas finalmente não pôde comer mais.

Entregamos-lhe o jogo de futebol de botão. O colar de contas, demos à menina de doze anos. E as mamadeiras para boneca, a uma menina de sete anos.

Disse ela, porém, “Isso para mim não adianta. Eu não tenho boneca!”

Lá se foi mais uma de minhas bonecas destinadas à Sociedade de Socorro. Desta vez embrulhada em papel de carta, e fingimos que havia caído atrás da árvore.

“É a melhor festa em que já estive”, comentou alguém satisfeito. “Senti-me como se estivesse em casa.”

“Foi mesmo ótima”, falou outra voz. “Sempre que algum de nós queria alguma coisa, uma de vocês estava perto para ajudar.”

Pensei então que aprendera alguma coisa sobre doação, mas estava para aprender um pouco mais. A menina de doze anos, reparei, trocara o colar pela massa de modelar, a massa por um carrinho, e este pelo livro de figuras.

“Está ótimo”, comentou, procurando embrulhá-lo de novo, embora o adesivo já não colasse mais.

“Será que teria um barbante, senhorita? E um lápis, por favor?”

Entreguei-lhe um pedaço de barbante e o lápis, imaginando o que pretendia fazer. Ela amarrou o pacote e escreveu nele com letras grandes, desajeitadas: “TOMMY.”

Vendo meu olhar, ela explicou: “É para o meu irmãozinho. Ninguém o convidou para uma festa e não temos como comprar-lhe um presente.”

A beleza e o amor do espírito daquela menina brilhou através da roupa desengonçada e continua a brilhar, ainda hoje, como um exemplo para mim. □



"DARÁS À LUZ UM FILHO", DE HARRY ANDERSON.

(C) PACIFIC PRESS PUBLISHING ASSOCIATION - USADO COM PERMISSÃO

"DISSE-LHE ENTÃO O ANJO: MARIA, NÃO TEMAS, PORQUE ACHASTE GRAÇA DIANTE DE DEUS; E EIS QUE EM TEU VENTRE CONCEBERÁS E DARÁS À LUZ UM FILHO, E PÔR-LHE-ÁS O NOME DE JESUS. ESTE SERÁ GRANDE, E SERÁ CHAMADO FILHO DO ALTÍSSIMO."

(LUCAS 1:30-32)

**E**is que sou Jesus Cristo, o Filho de Deus.  
Eu criei os céus, a terra e todas as coisas que neles há. Tenho estado com o Pai desde o princípio. Estou no Pai e o Pai está em mim, e em mim o Pai glorificou seu nome”  
(3 Néfi 9:15).